

PREÂMBULO

A FIGUEIRA FLORESCERÁ

A injustiça é tema comum de nosso cotidiano e isso desde os mais remotos tempos: perseguições, privilégios, usurpações, abusos, crimes os mais diversos, muitos deles - senão a maioria e os mais escabrosos - amparados "legalmente". Sempre estamos a postos com os mais dolorosos dramas e problemas vivenciais: fome, doenças, desemprego, violência, roubos, guerras, agressões ambientais, expatriamentos, terrorismo, convulsões sociais e telúricas de toda ordem. Por quantas vezes, aqueles que deveriam garantir os interesses comuns, lastreados em leis por eles mesmos formuladas, são oportunistas, iníquos, sectários, valendo-se de sofismas, subterfúgios, cinismos para o mero benefício próprio e de grupos. Longe estamos da verdadeira justiça, onde prevaleçam a isonomia, a equanimidade de direitos, onde o bem seja disseminado, respeitado, consagrado.

O absolutismo do Estado e déspotas, em algum momento, será quebrado. Neles temos encontrado a impassibilidade marmórea, a insaciedade e abusividade fisco-tributária, o arbítrio extremado, levando multidões à miséria, à pobreza absoluta. "O Estado não cria o direito, o Estado cria leis e o Estado e as leis estão sujeitos ao direito" (Erich Kaufmann).

A própria democracia, por sua vez, tem seus limites, necessitando da liberdade, da determinação, intrepidez para sua defesa. "Democracia são dois lobos e um cordeiro que votam para saber o que vão comer no almoço; já a liberdade é um cordeiro bem armado que contesta esse voto" (Benjamim Franklin).

A lei natural ou lei consciencial, estabelecida por Deus no coração humano, um dia reinará soberana (Rm 2,14-15). Lei consubstanciada na sã doutrina, na abolição do mal, no fazer sempre o bem, "de tal forma escrita no coração dos homens que nem a própria iniquidade poderá apaga-la" (S. Agostinho, Confissões Livro II, c.4, n.9). Fundamental, portanto, o reavivamento da voz da consciência no ser humano, numa sociedade e numa era marcadas pelo indiferentismo, hedonismo, obscurantismo moral, abstração de Deus.

A Lei Divina não recepciona estratégias, vias alternativas arditosas e sim a virtude, a graça, a justiça, a concórdia. O Senhor nos concede muitas oportunidades e cuidados salvíficos (Mt 3,7-8). Embora os desalentos, os desencontros e desencantos, prevaleçam o "transbordamento da esperança" (Rm 15,13), a promessa de um mundo remido, a estação revigorada, o florescimento da figueira, o renovar dos ramos sempre apontando novos tempos, o brotar das flores (Lc 21,32-33) os frutos prestes a eclodir - e figos bons (Jr 24,3-7) acolhidos, abençoados, restabelecidos todos os convivas sob sua sombra (Mq 4,4 / Ag 2,19).

A figueira na Bíblia é símbolo de paz, abundância e extensivamente uma alegoria de Israel (e de toda a humanidade); uma frutífera que, com água e um pouco de adubo e cuidados, prospera mesmo em solo fraco, pedregoso, produzindo até duas safras anuais, servindo de alimento aos viajantes; se estéril, gerava frustração (Lc 13,6-9). A figueira é, ademais, símbolo de superação, de ascensão, permitindo-nos "de pequena estatura" e entremio a multidões, alçar seus galhos e assim encontrarmos o Mestre em passagem, sermos reconhecidos e convidados, por maiores pecadores, a servi-lo como anfitriões (Lc 19, 1-10).

Plantada em consórcio com a videira, servia de apoio aos ramos da vide - daí a expressão "morar debaixo da vide e figueira" (I Rs 4,25 / Zac 3,9).

Matriz de São Tiago: centenário de reconstrução

Duas décadas de obras, três comissões, diferentes párocos, uma história de em 2022 alcança exatamente cem anos. Esta edição do Boletim Sabores & Saberes traz, em quatro páginas, toda a jornada de reconstrução da Igreja Matriz de São Tiago. Um templo que abriga simbologias cristãs, fé e muita história.

Pág. 4



Os 70 anos do Cine Odeon

"O ano de 2022 marcou uma importante conquista para São Tiago, a inauguração do Cine Odeon 70 anos atrás. Certamente aquele sábado, 12 de abril de 1952, trouxe muita expectativa aos moradores da cidade, recém emancipada política e administrativamente, devido a construção de um prédio grande para os padrões da época. Era a chegada da sétima arte à São Tiago, algo bastante ousado para uma pequena cidade do interior e que daria a muitas pessoas a chance de assistir um filme pela primeira vez. Segundo pesquisas de Mariana Fernandes, a estreia aconteceu com os filmes "A Filha de Netuno" e "Sol da Manhã".

Pág. 8

O preconceito colonialista

Em 1822, com um suposto grito de "Independência ou Morte", o Brasil se tornou independente. Ou deveria ter se tornado. Registros e análises de viajantes que passaram por aqui ao longo do século XIX apontaram a persistência de dominações culturais e históricas de diferentes países que, insistentemente, derramavam olhares preconceituosos sobre a população local. "Esta gente é tão preguiçosa, tem tão poucas necessidades que parece mister refundi-las moralmente", escreveu Tollenare.

Pág. 18

ADIVINHAS

1. O que é, o que é? O vinho que não tem álcool.
2. Qual a fruta preferida dos matemáticos?
3. Qual é o chá que deixa as pessoas pensativas?
4. O que aconteceu com o ferro de passar roupa que caiu da mesa?

Respostas: 1 – O-vinho de codorna; 2 – Pi-tanga; 3 – CHA-radas; 4 – Ficou passando mal.

Provérbios e Adágios

- Mais vale um bom amigo na praça do que dinheiro na caixa
- Não há que ser forte, há que ser flexível
- O segredo da longevidade é comer a metade, andar o dobro e rir o triplo
- Quem não quer ser lobo, não lhe vista a pele
- Pelo fio tirarás o novelo e pelo passado o que está por vir
- Não se cria cão, se na casa falta pão
- Não se pesca trutas com as calças enxutas



Para refletir

Frases de Santo Agostinho:

- Quem toma bens dos pobres é um assassino da caridade. Quem a eles ajuda, é um virtuoso da justiça.
- Necessitamos um do outro para sermos nós mesmos.
- A amizade se expressa na ajuda mútua e na gratidão.
- Ter fé é assinar uma folha em branco e deixar que Deus nela escreva o que quiser.

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Diéle.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

Revisão: Fábio Antonio Caputo e

Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável:

Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

AO PÉ DA FOGUEIRA

O BISCATEIRO

De tez mameluca, aciganada, compleição franzina, alto porte, vestes antiquadas similares a algum figurino medieval. De difícil relacionamento, laudatório, confuso e verborrágico em suas explanações, monopolizava as conversas, cansava os ouvintes. Uma espécie ambígua, ainda que buscasse ser agradável, seu timbre, maçante, fanhoso, sua aparência estereotipada inquietavam os circunstantes. Irrequieto, oscilava continuamente o corpo, qual um espadachim ou saltimbanco em ação.

Um cidadão a quem não eram deferidas qualidades redentoras. Muito rígido com os familiares, a quem tratava hostilmente, com relatos de brutalidade e violência doméstica. Sobrevivia de forma obscura, atuando em serviços de selaria, biscates, pescarias... Movia-se pela cidade, falante, coreográfico. Uma figura tosca, quiçá filtrada em alguma prensa ou laboratório de perdido tempo, personagem de algum romance de capa e espada.

Sua loquacidade, sua conduta pernóstica acabavam por afastar muitos de seu convívio. Se observado pelas proximidades, pessoas em conversação buscavam, num átimo, evadir-se. Sua presença era como um vulcão, uma tempestade colérica temperada por raios e ventanias, a que todos procuravam abrigo ou se distanciar.

Certa feita, adentrando antiga agência bancária da localidade, estabelecimento com fila quilométrica, clientes ali há horas aguardando ser atendidos, eis que ali chega o cidadão com sua voz inconfundível, sua inadequação social. Num passe de mágica, todos se afastam, esquecendo-se do desconforto, dando-lhe plena preferência na fila. Atendido, as dezenas de clientes retomam a sua penosa missão de aguardar atendimento. Alguém comenta: - Sujeito chato, hein?

A esposa do chato era justamente um dos clientes ali na fila. Tomando a palavra, disse: - Vocês não puderam suportar sequer quatro minutos de sua presença. E eu que convivo com ele há quarenta anos...



Realização:



Apoio:



PRIMEIRAS SEXTAS-FEIRAS DO MÊS

As primeiras sextas-feiras de cada mês são dedicadas à devoção ao Sagrado Coração de Jesus, através do Apostolado da Oração e dos fiéis devotados a Ele. Deve ser seguidos nove meses direto, sendo na primeira sexta-feira de cada mês, sem interrupção de missas, confissões e comunhões.

Segundo a história, a promessa de Jesus Cristo aos seus devotos, foi a seguinte: “A todos que comungam nas primeiras sextas-feiras de nove meses consecutivos darei a graça da perseverança final e da salvação eterna”. Após está revelação que o próprio Cristo fez à Santa Margarida Maria Alacoque (1649-1690), em 16 de junho de 1657, ela a missão de enriquecer o mundo com os tesouros espirituais desta devoção santificadora ao Sagrado Coração de Jesus.

Na tradição Católica, dedica-se toda primeira sexta-feira do mês à reflexão dos mistérios da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, recebendo a comunhão e fazendo memória a esse amor incomensurável representado pelo seu “Sagrado Coração”, além de fazer as orações pelas intenções do Santo Papa e Santa Igreja.

O mês dedicado ao Coração de Jesus é junho, sua festa acontece na segunda sexta-feira após festividades de Corpus Christi. Somos convidados a amar, como Ele nos amou, perdoar como nos ele perdoou e entregar, como Ele se entregou.

A primeira sexta-feira do mês era um dia especial com muito recolhimento, orações e penitências e jejuns. O apostolado da oração se fazia presente e todos muito contritos, faziam sua comunhão e permaneciam em oração.

Nas décadas mais remotas em São Tiago, Monsenhor Elói fazia questão da observância das primeiras sextas-feiras do mês. As comunhões podem acontecer a qualquer hora do dia, respeitando o jejum previsto pelo código de direito Canônico. Havia antes um jejum prolongado de 3 horas antes da comunhão e ritual após. Não podia deixar a hóstia encostar nos dentes, nem mastigá-la. As pessoas mais idosas nos amedrontavam dizendo que se fizéssemos isto, nossa boca jorraria sangue. Diante do tabu, não sentíamos, muito tranquilos

e estas falas atrapalhavam bastante nossa intimidade com a comunhão. Deveríamos também ter o maior cuidado para não deixar cair quando fosse receber. Quando chegava em casa, antes de comer qualquer alimento era necessário tomar um copo de água.

O apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus foi fundado em 3 de dezembro de 1844, numa casa de estudo da Campanha de Jesus, na França, na festa de São Francisco Xavier. É um dos pilares importantes da nossa igreja Católica. Em São Tiago data-se de 1908 sua criação, com o seu primeiro nome “Damas da Caridade”.

A fita usada é um sinal de pertença, de entrega por parte daqueles que foram chamados para servir na igreja e na comunidade. A cor vermelha da fita é uma espécie de sacramental para afastar os infortúnios e lembram a cor do sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Os membros a utilizam como sinal de compromisso com Cristo.

A fita tem que ser usada durante a missa, nas festividades religiosas e não pode sair da igreja com ela no pescoço, exceto nas procissões. O apostolado da oração é um movimento eclesial que segue suas próprias regras em comunhão com a Igreja sempre buscando espiritualidade, onde cada mês, dedica as intenções propostas pelo Papa. Seus membros são encorajados a seguir as orientações tanto do Sumo Pontífice, como dos Bispos, dos sacerdotes, devendo a todos eles, respeito e colaboração.

Maria Elena Caputo Castro
Professora/ Psicóloga



IGREJA MATRIZ DE SÃO TIAGO CENTENÁRIO DE SUA RECONSTRUÇÃO 1922-2022

A reconstrução da atual Igreja Matriz de São Tiago foi concretizada no decurso de duas décadas (1902 a 1922), envolvendo o concurso e a coordenação de vigários locais do período, dentre eles Pe. Júlio José Ferreira (que, embora tenha encerrado seu vicariato em 1901, “angariou os primeiros recursos para o início da almejada obra” Viegas, p. 81), dos vigários interinos Pe. Antonio Corrêa Lima e Pe. Crispiniano Antonio de Sousa e em especial Pe. José Duque de Siqueira, pároco no período de 1904 a 1955, a quem competiu levar avante o ônus da reconstrução. Coube a Pe. Antonio Corrêa Lima em 1902 a demolição da velha igreja, datada de 1761, sob a alegação de que não mais comportava os fiéis e que, no transcurso de século e meio, sofrera muitos danos, incluindo o desmoronamento – e a não reconstrução – de uma de suas torres (1861).

Como é de conhecimento, o arquiteto construtor da igreja original dedicada a São Tiago Maior e Sant’Ana (1761) foi o português Manoel Marques de Carvalho, n. da freguesia de São Salvador de Ruivães, Vila Nova de Famalicão, termo de Barcelos, onde nasceu aos 05-05-1727. Migrando para o Brasil, instalou-se em nossa região, na década de 1750, provavelmente em 1754, sendo proprietário da Fazenda das Laranjeiras (vendida ao Cap. João Rodrigues de Faria em 1767), tendo ainda uma sesmaria no Alto São Francisco - Piumhi/ São Roque de Minas (APM SC 140 fls. 179 e 194). Casou-se em Barbacena aos 04-05-1761 com Tomásia Maria de Jesus, tendo o casal 5 filhos, em sua maioria batizados e/ou casados na capela de São Tiago. Sobre Manoel Marques de Carvalho ver matérias em nosso boletim nº CXXXI agosto de 2018.

Comissões pró-reconstrução - Três comissões foram constituídas, ao longo do período de reconstrução do imponente templo (entre 1902 e 1922), com objetivos de levantamento de recursos e ainda de supervisão das obras. A primeira delas, organizada e presidida pelo vigário interino, Pe. Antonio Correa Lima, era composta ainda pelo Cap. João Pereira Santiago (tesoureiro) e pelo Prof. Guilherme Alves de Andrade (secretário). A segunda comissão, organizada em inícios de 1904, pelo Pe. Crispiniano Antonio de Sousa, tendo como presidente o sr. José Zeferino Gabeth (Zé Gabet); tesoureiro o Cap. Vicente Gaudêncio de Sousa; secretário o sr. Luis Caputo e ainda os membros Joaquim da Mata Sobrinho, Ten. Francisco Mendes de Almeida e Eduardo de Souza Pinto. A terceira delas, organizada e presidida pelo vigário efetivo Pe. José Duque de Siqueira era composta ainda pelo Cap. Vicente Gaudêncio de Sousa (tesoureiro); José Campos (secretário) e ainda os membros srs. Modesto José de Castro, Domineu Coelho dos Santos, Joaquim Coelho Júnior e Joaquim Carlos de Campos, que desempenhariam suas funções, com brilhantismo, até o término das obras e a consagração do templo (1922). Ao lado dos vigários e respectivas comissões, a população contribuiu igual e efetivamente para a concretização da magna obra, que presta, até os dias atuais, inestimáveis préstimos evangélicos, espirituais, sociais, litúrgicos, doutrinários e culturais a toda a coletividade.

Pródomos da cidade e da matriz - As origens demográficas de São Tiago remontam aos albores do século XVIII (1708) quando, segundo a oralidade, mineradores de origem espanhola chegaram à Fazenda



da Vargem Alegre, aí descobrindo ouro e erigindo nas adjacências pequena e tosca ermida em honra a São Tiago Maior, orago de Espinha, devoção consorciada a Sant’Ana, padroeira dos mineradores. Com abertura da “Picada” ou “Caminho de Goiás” em 1736, inúmeras sesmarias são concedidas na região, em especial na primeira metade do século XVIII, dentre elas a de Roque de Sousa (1737), na então denominada “Paragem de Santo Antonio do Rio do Peixe” (ou simplesmente “Paragem do Rio do Peixe”) ou ainda “Sertão do Campo Grande”. Cabe-nos reiterar, outrossim, que a região anteriormente a 1736 era já bastante povoada, a exemplo de propriedades como a de Maria de Siqueira Paes no local “Campo Alegre” – ver matéria em nosso boletim nº CLXXVI junho/2022. Para historiadores conceituados, como Tarcísio José Martins, o chamado “Sertão do Campo Grande” tinha seu início no Rio do Peixe, divisas entre os atuais municípios de São Tiago e Ritópolis, daí estendendo-se o povoamento e colonização do centro-oeste mineiro até o rio São Francisco. (Ver matéria, a esse respeito, em nosso boletim nº CXXXII setembro de 2018).

“O caminho de Goiás partia, a princípio, pelo lado paulista, da trilha aberta pelos bandeirantes vindos de Taubaté. Mais tarde e por outro lado, foi aberto o Caminho Novo iniciado no Rio de Janeiro, atingindo Juiz de Fora até Tiradentes, São João Del-Rei e Barbacena. Rumando para noroeste, tinha aproximadamente o seguinte trajeto: São Tiago, Morro do Ferro, Oliveira, Formiga, Bambui, Araxá e finalmente Paracatu, onde os caminhos se uniam e seguiam para Goiás” (Heraldo Tadeu Laranji Mendonça – “Historiografia para Catalão” – <https://historiografiaparacatalao.blogspot.com.2017/08/registros-paroquiais-de-terras-villa-do-cathalam.html> e ainda tinogen.com.branches/julianaareias/paternal-a-corrída-do-ouro-em-minas-gerais-e-o-conto-do-vigario acesso em 31/05/2022, 09h10).

Critérios para a edificação de uma capela - Para a construção de uma capela, exigia-se, à época, a doação de patrimônio ao santo de devoção local, sendo nomeado uma cura (capelão) residente ou provisionado. A capela curada, também denominada aplicação, incluía pia batismal, estrutura para ministração ainda de missas, casamentos, confissão, unção, funeral e afins. Por disposição canônica – assim observou o viajante Antonil, em inícios do século XVIII – competia ainda aos curas ou aos vigários gerais, dotados de autoridade eclesiástica, listar os seus fregueses (aplicados), constatando sua presença às missas dominicais, o bom cumprimento do preceito da desobriga pascal, uma espécie de controle total, por parte da Igreja, sobre a vida religiosa e civil de seus aplicados.

PEQUENA CRONOLOGIA

08/05/1736 – O governo colonial autoriza a abertura da “Picada de Goiás”, estrada real que interligava a região do Rio das Mortes a Goiás, de suma importância para a colonização e povoamento dos chamados “Sertões”.

29-03-1737 – O governo colonial concede as primeiras sesmarias no chamado “Caminho” ou “Picada Real de Goiás”, dentre elas a de Roque de Souza no lugar “Almas”, Paragem do Rio do Peixe, no atual município de São Tiago (hoje Cruz das Almas, terras que confluíam então até o Rio Sujo, na margem direita do Rio do Peixe). Em sua petição, Roque de Souza descreveu que “no caminho novo dos goyazes tinha lançado suas posses, em um sítio chamado das Almas, o qual tinha descoberto, povoado e cultivado com grande desprezo de sua fazenda...” (Manuscrito SC 42, p. 53, rolo 09, Arquivo Público Mineiro).

25-04-1747 – O governador Gomes Freire de Andrade concede a Domingos da Costa Afonso uma sesmaria “na picada que ia da comarca do Rio das Mortes a Goiás na paragem chamada a do Capão Grande da vila de São José da mesma comarca”. Outros sesmeiros da região foram beneficiados à mesma época como Antonio Monteiro, Verissimo Gonçalves Ribeiro, Domingos João Freire, Domingos Monteiro Lopes, José Manoel da Rosa etc.

10-06-1761 – Aplicados (devotos/moradores) das terras entre os rios do Peixe e Jacaré requerem à autoridade eclesiástica licença para levantar a capela “na serra do Bituruna, filial da vila de São José” dedicada a São Tiago Maior e Sant’Ana, na qual foram atendidos por provisão episcopal datada de 02-12-1761.⁽¹⁾

02-12-1761 – D. Frei Manoel da Cruz, primeiro bispo de Mariana, concede provisão aos aplicados/moradores das terras entre o rio do Peixe e o rio Jacaré para erigirem uma capela sob invocação de São Tiago Maior e Sant’Ana (Fls. 21 do Registro Geral da Cúria Arquidiocesana de Mariana).

Por determinação/licença outorgada pela Cúria do Bispado de Mariana, o Pe. Francisco Xavier da Costa Fialho procede a delimitação e bênção do local para edificação da capela de São Tiago Maior e Sant’Ana, incluindo o terreno para construção do cemitério.

20-04-1762 – Petição da Câmara da Vila de São José Del-Rei a S.M. D. José I, requisitando a instalação de uma “Companhia de Ordenança a Pé” na “capela do Senhor São Tiago” por ser “paragem distante desta vila”, ser “bastantemente povoada” com risco



que “esta parte se desencaminhe ouro em fraude do rial quinto de Vossa Majestade”.

15-06-1763 – No assentamento feito ao Juízo Eclesiástico da Diocese, subscrito pelo Cônego Inácio Correa de Sá e por Mons. Júlio de Paula Dias Bicalho, secretário do bispado e escrivão da comarca eclesiástica de Mariana consta que “se encontrando livre de qualquer encargo, a doação para o patrimônio da Capela de São Tiago e Sant’Ana é feita sem prejudicar a terceiros e que os bens valem e rendem quantia suficiente para sua manutenção, julgo bom o patrimônio que aceito para a referida capela e mandou para que título se passe sentença”.

1765 – No “De Genere Vita et Moribus” de Lourenço da Costa Afonso e de seu irmão Manoel da Costa Afonso, a testemunha Luiz Pereira de Lemos, morador na vila de São João Del-Rei do Rio das Mortes, declarou a respeito de Domingos da Costa Afonso, pai dos justificantes, como “tido e havido por legítimo cristão velho, de limpo sangue, muito temente a Deus e amante da pobreza, tanto que para socorrer aos pobres circunvizinhos de sua fazenda no Rio do Peixe, com os sacramentos da Igreja, fez uma capela dedicada ao Apóstolo São Tiago à sua custa...” (De Genere Vita et Moribus – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – ano 1765 – armário 08, pasta 1355 – transcrição da historiadora e pesquisadora Edriana Nolasco, a quem muito agradecemos).

12-09-1765 – Concessão pelo governador Luiz Diogo Lobo da Silva de sesmaria aos aplicados da capela do Apóstolo São Tiago e Sant’Ana – ver matéria em nosso boletim nº CXXXI agosto de 2018.

01-06-1766 – Por escritura lavrada no tabelião de notas de São João Del-Rei, Domingos da Costa Afonso e sua mulher Maria de Almeida e Silva, fazem doação à capela de São Tiago Maior e Sant’Ana de “cinco capões de matos”, parte de uma sesmaria (Capão Grande) “adquiridos em leilão – arrecadação de bens do falecido Manoel Gonçalves Maia”.

22-08-1766 – Concessão pelo governo colonial de sesmaria a Manoel Marques de Carvalho, morador no “bairro de São Tiago Maior e Santana” “...uma roça que constava de matos virgens e capoeiras a que houvera parte dela por título de compra que fizera de Thomás Ferreira e as outras partes por títulos de rematação feita a João Ferreira...”. Manoel Marques de Carvalho, construtor da capela de São Tiago (1761) receberia igualmente, em data de 24-03-1766, a concessão de mais uma sesmaria no “sertão do rio São Francisco”, região de Piumhi/São Roque de Minas (APM/Arquivo Colonial 1764-1767, n.140, fls. 179 a 194).

29-08-1825 – Alvará Imperial desliga a capela filial de São Tiago (que, até então, pertencera a São João Del-Rei) e juntamente com as capelas de Bom Sucesso e Santo Antonio do Amparo, passam a constituir a freguesia de Bom Sucesso. Bom Sucesso seria elevada à condição de paróquia por decreto da Regência datado de 14-07-1832.

20-10-1849 – Lei Mineira n. 452 – que restaurou a vila de São José Del-Rei – desmembra a capela de São Tiago da de Bom Sucesso, incorporando-a à paróquia da Lage (Resende Costa).

16-05-1855 – Lei Mineira n. 727 eleva o distrito de São Tiago à condição de freguesia, tendo o Pe. José Mendes dos Santos (que ocupava então as funções de capelão desde 1824) como seu primeiro pároco. Paróquia instalada canonicamente em 16-06-1855.

12-04-1856 – No Registro Paroquial de Terras (São Tiago) n. 64, p. 11, o declarante e fabricante José Alexandre de Melo, declara que a propriedade da Paróquia era de um quarto de léguas de campos “doados a mais de cem anos pelos primeiros possuidores dessa fazenda, cujos títulos se acham na secretaria do governo da província em cujo rincão está fundada a povoação e matriz dessa freguesia”. São mencionados apenas três confrontantes: Maria Eugênia de Castro, Francisco Ribeiro da Silva e herdeiros de José Gregório Sampaio. Tal registro é visto por historiadores como Keila Cecília Melo como questionável, incongruente (ver matéria em nosso boletim n. CLVI, setembro/2020, p. 7).

15-07-1872 – Pela Lei Mineira n. 1883, o distrito de São Tiago é desmembrado do de São José Del-Rei, bem como o distrito de São João Batista (Morro do Ferro) desmembrado de Oliveira, ambos incorporados ao município de Bom Sucesso.

ACERVO PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO TIAGO



Procissão de São Tiago - 1958

11-02-1921 – A freguesia de São Tiago, que até então pertencera à diocese de Mariana, passa a integrar a arquidiocese de Belo Horizonte.

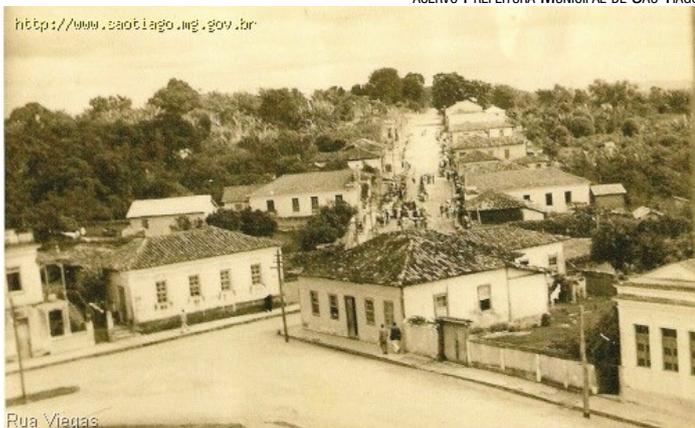
15-08-1922 – Solenidades de inauguração e bênção da nova matriz, cuja reconstrução fora iniciada em 1902.

20-12-1941 – A paróquia de São Tiago passa a integrar a diocese de Oliveira, criada pela bula “Quo Uberiores Fructus”.

27-12-1948 – Lei mineira n. 336 cria o município de São Tiago em território desmembrado de Bom Sucesso.

Numa relação de arraiais de 1802 do termo da vila de São José, já figura o de São Tiago. São Tiago foi subordinado política e administrativamente à vila de São José Del-Rei até 1872 e eclesiasticamente à matriz de Nossa Senhora do Pilar de São João Del-Rei, da qual foi capela filiada até 1825⁽²⁾. Neste ano, pelo alvará imperial de 29 de agosto, a capela de São Tiago foi incorporada, juntamente às

ACERVO PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO TIAGO



Rua Viegas

capelas de Bom Sucesso e Santo Antonio do Amparo, para formar a(s) capela(s) curada(s) de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Aos 20/10/1849, nos termos da lei provincial n. 452, a capela de São Tiago foi desmembrada da de Bom Sucesso e incorporada à paróquia de Resende Costa, o que vigoraria até 16 de maio de 1855, quando, pela Lei Provincial n. 727, o distrito de São Tiago foi elevado a condição de freguesia (Paróquia), sendo seu primeiro pároco o Pe. José Mendes dos Santos. Aos 15-07-1879, pela lei mineira n. 1883, São Tiago foi desmembrado do município de São João del-Rei, e juntamente com São João Batista, incorporados a Bom Sucesso, todos então pertencentes à comarca do Rio das Mortes, o que se verificou até 07-01-1891, quando pelo decreto n. 3111 foi criada a comarca de Bom Sucesso. Pela lei provincial n. 1883 que criou o município de Bom Sucesso, o distrito de São Tiago foi então desmembrado do de São José Del-Rei e anexado a Bom Sucesso, ao qual São Tiago pertenceu até 27-12-1948, quando pela lei estadual n. 336 foi emancipado a município, com extensão territorial de 575 km², dividindo/limitando-se com os (atuais) municípios de Bom Sucesso, Resende Costa, Ritópolis, Oliveira, Passa Tempo, Conceição da

Barra de Minas, Nazareno. Era constituído inicialmente apenas pelo município - sede. Pela lei estadual n. 1039 de 12-12-1953, foi criado o distrito de Mercês de Água Limpa, desdobrado do distrito-sede.

RAIMUNDO DA CUNHA MATOS

O arraial tornar-se-ia passagem de viajantes, comitivas oficiais, tropas e boiadas ao longo do tempo, no itinerário para os sertões (Caminho de Goiás) e/ou litoral (Caminhos Velho e Novo). Há registros de sua deterioração em inícios do século XIX, ou seja, de que se achava em abandono ou deterioração, desconhecendo-se as causas. Em sua obra “Corografia histórica da Província de Minas Gerais (1837)” (Ed. Itatiaia/Edusp, 1981) o Gen. Raimundo da Cunha Matos, ao discorrer sobre o rio do Peixe, diz: “O arraial de Santiago, consideravelmente destruído, fica perto da margem direita deste rio” (p. 256). À pág. 117 da citada obra, registra: “Dito de São Tiago – 1º distrito. Foi muito extenso e hoje está quase em ruínas. Dista 7 léguas da cabeça do termo. Tem 85 fogos e 537 almas” (percentual de 6,3 pessoas por domicílio!).

Cunha Matos, em seu retorno de Goiás, finais de 1824 e inícios de 1825, anota que no dia 06-04-1825 passa pelo arraial de Oliveira, de onde “saí às 2h da tarde (...) andei até o rancho do Guilherme na margem esquerda do Jacaré ao rumo do sul. Neste lugar, deixei a estrada da esquerda que vai para o arraial de São João Batista e tomei o da direita que vai para São João Del-Rei (...) daí até ao rio Jacaré (o ramo principal) e pouco adiante de sua margem esquerda está o engenho de açúcar de D^a Ana, onde pernoitei e fui muito bem tratado” D^a Ana Maria de Jesus, rica proprietária da Fazenda da Carapuça, onde faleceu em 1851. (ver nota 3). O autor faz referências ainda à fazenda do Capão Grosso. “8 de abril, sexta feira – Saí do engenho de D^a Ana para o arraial de São Tiago, através de um grande chapadão, ponto culminante das águas dos rios Jacaré e Peixe, braços direitos dos rios das Mortes e Grande. Encontram-se vários capões e lugares de minerações e cheguei ao arraial de São Tiago às 9h da manhã. Este arraial foi mui extenso e teve bons edifícios, a maior parte dos quais se acham em ruínas e os outros desertos, sorte de todas as povoações procedidas de mineração. A igreja é vasta e formosa, não está muito maltratada. É tão grande a escassez neste arraial que dificilmente encontrei duas galinhas e alguns ovos para o jantar e apenas vi quatro ou seis pessoas, as quais estavam vestidas como os mendigos mais miseráveis” (“Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas Províncias de Minas Gerais e Goiás” Belo Horizonte, Inst. Cultural Amilcar Martins, 2004, pp. 233/234)⁽³⁾.

“Capela curada de São Tiago – A edificação foi erguida por provisão de junho de 1761, a pedido dos moradores da região do rio do Peixe e Jacaré. Elevada a freguesia em maio de 1855. É exemplar demolido, substituído por templo construído em 1922. O antigo arraial do Rio do Peixe e Jacaré é hoje o município de São Tiago” (D. Frei José da Santíssima Trindade – “Visitas Pastorais 1821-1825” Fundação João Pinheiro/Iepha-MG, 1998, p. 383).

Em 20-10-1849, por força da lei n. 452 que restaurou o município de São José del-Rei (Tiradentes), São Tiago passou a pertencer como distrito a este município e a capela de São Tiago foi desmembrada de Bom Sucesso e incorporada à paróquia de Nossa Senhora da Penha de França da Lage (Resende Costa). A paróquia de São Tia-

ACERVO PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO TIAGO



Desfile de 7 de setembro de 1970

go, por sua vez, foi criada pela lei mineira n. 727 de 16-05-1855, desmembrada de São João Del-Rei, sendo seu primeiro vigário o Pe. José Mendes dos Santos, que desde 1824 vinha exercendo as funções de capelão.

Lei n. 452 de 20 de outubro de 1849 – Art. 1º - Fica restaurada a Villa de São José Del-Rei da comarca do Rio das Mortes, para onde serão desde já transferidos o Arquivo Municipal e cartório, fazendo parte desse Município a Paroquia de São José, as de Prados, lagoa Dourada, sendo está incorporado o distrito de São Tiago, da Paroquia de Bom Sucesso, que continua a pertencer ao termo de São João Del-Rei”.

Lei nº 727 de 16 de maio de 1855 – Lei que eleva à freguesia o distrito de São Tiago no município de São José.

Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, Presidente da Provincia de Minas Gerais, faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial decretou e eu sanciono a seguinte lei: Art. 1º - Fica elevado à freguesia o distrito de São Tiago no município de São José, tendo por limites os do mesmo distrito”.

Lei provincial n. 714 de 16-06-1855 – cria a freguesia de São Tiago.

“Em 1861, desabou o frontal da igreja matriz e foi necessário construir toda a frente da igreja; até agora não se concluiu a obra por ter a fábrica alcançado 530\$430. Também ameaça ruir a sacristia e o pároco supõe que com 2\$000 concluir-se-ia a obra.

Os rendimentos da fábrica, incluindo os juros de duas apólices da dívida pública, dão anualmente uns 180\$000 réis e, além das alfaías, nada mais possui.

Dentro do povoado, existe uma capela da Senhora do Rosário, que ainda não está acabada e apenas tem os paramentos necessários para a missa”.

(Almanak Administrativo, Civil e Industrial da Provincia de Minas Gerais, organizado e redigido por Antonio de Assis Martins, Rio de Janeiro, Typographia do Diário do Rio de Janeiro, 1870, pp. 418-419).

Relatos do escritor João Lúcio Brandão - João Lúcio Brandão, por profissão farmacêutico, que viveu no final do século XIX em São Tiago, assim descreve o cenário urbano e adjacências, em sua obra “Pontes & Cia – romance de costumes mineiros” incluindo o velho templo com seu frontal mutilado, após desabamento no ano de 1861 “Nada mais pitoresco que essas casas disseminadas pela encosta agreste como que brotadas espontaneamente naquele meio agreste (...) Era um arraial primitivo. Em derredor, cercando-o protetoramente erguiam-se colinas verdes de aclave suave e, mais

além, matas virgens erguiam os robles altaneiros (...) O largo era o coração do povoado; do lado superior erguia-se a igreja, velho templo com uma só torre e partes de outra cujas obras paralisadas em começo deixavam um aleijão no desgraçoso edifício...

Do largo se abriam quatro ruas estreitas, tortuosas, esburacadas e com poucas edificações...A despeito, porém, da sensação de triste abandono que a vista do arraial causava – de qualquer ponto, rasgavam-se, aos olhos do observador, compensação: encantadores trechos de paisagem, lances de vista admiráveis” (“Pontes & Cia” Belo Horizonte, Ed. Livraria Cult. Brasileira, 2ª ed, 1944, pp. 10/11). Sobre o Dr. João Lúcio Brandão, ver matérias em nosso boletim nº CXXVII abril de 2018.

NOTAS

(1) “A provisão da capela de São Tiago e Santana é de 10 de junho de 1761, atendendo a solicitação dos moradores dos rios Peixe e Jacaré para criarem uma capela na serra do Ibituruna. Juridicamente a capela pertencia à vila de São José e eclesiasticamente à matriz de Nossa Senhora do Pilar. O primeiro batismo é de 1765. Na visita pastoral de Frei da Santíssima Trindade havia 741 almas e ermida pública na fazenda das Laranjeiras” (Sirleia Maria Arantes – “No Rendilhado do Cotidiano – a família e as redes sociais dos livres de cor na Comarca do Rio das Mortes c.1770 c.1850” UFMG, 2018, pp. 89/90)

Uma observação/revisão concernente ao trabalho da autora: há registros de batismos na capela de São Tiago no ano de 1763, como o do Cap. João Machado Rodrigues (Projeto Compartilhar – Antonia Maria dos Anjos). Segundo Augusto das Chagas Viegas, “o primeiro sacerdote que se tem notícia na capela de São Tiago Maior e Sant’Ana, como se verifica em livros de registros de batismos, de casamentos e de óbitos da Comarca Eclesiástica de São João Del-Rei, para onde os capelães de toda essa vasta circunscrição remetiam os respectivos assentamentos, é o Padre Bento Francisco Ribeiro, que desde janeiro de 1764 até setembro de 1779, como capelão, desempenhou as funções de seu alto magistério...” (In “Notícia Histórica do Município de São Tiago”, 1972, p.13)

A visita pastoral de D. Frei José da Santíssima Trindade à região ocorreu em outubro de 1824.

(2) “Na freguesia do Pilar também houve desmembramentos, sendo criadas as paróquias de Nossa Senhora de Bonsucesso, de São Miguel do Cajuru e de Nossa Senhora da Conceição da Barra. A primeira foi criada em 1825 e as capelas curadas eram as de São Tiago e Santo Antonio do Amparo” (Sirleia Maria Arantes – “No Rendilhado do cotidiano: a família e as redes sociais dos livres de cor na comarca do Rio das Mortes c.1770 c.1859” UFMG, 2018, pp.74/75)

(3) Dª Ana Maria de Jesus (c.1763-1851) riquíssima proprietária das Fazendas da Carapuça, Laranjeiras e Vão do Jacaré, que, à época de seu falecimento, somavam mais de 2.000 alqueires. Viúva do Cap. Pedro Rodrigues de Faria (R).



CINE ODEON 70 ANOS

Helton Reis de Castro

O ano de 2022 marcou uma importante conquista para São Tiago, a inauguração do **Cine Odeon** 70 anos atrás.

Certamente aquele sábado, 12 de abril de 1952, trouxe muita expectativa aos moradores da cidade, recém emancipada política e administrativamente, devido a construção de um prédio grande para os padrões da época. Era a chegada da sétima arte à São Tiago, algo bastante ousado para uma pequena cidade do interior e que daria a muitas pessoas a chance de assistir um filme pela primeira vez. Segundo pesquisas de Mariana Fernandes, a estreia aconteceu com os filmes “A Filha de Netuno” e “Sol da Manhã”.

Mais que se tornar uma profissão, a inspiração do fundador do **Cine Odeon**, Glauro Resende de Castro, era trazer elementos da cultura para a população local. Nas palavras do próprio idealizador, alguns dos gêneros escolhidos eram “filmes históricos baseados em fatos reais da antiguidade”. Da mesma forma, musicais, filmes bíblicos, entre outros tinham vez na tela do cinema. Mesmo em menor proporção, foram exibidos musicais eruditos como “O Grande Caruso” e “Serenata”, estrelados pelo famoso tenor Mário Lanza. Mas não faltaram os faroestes que agradavam tanto o proprietário do cinema como o público pagante, além de romances, filmes e desenhos infantis que, por meio das matinês, permitiam também as crianças desfrutarem daquele mundo mágico. Falamos de um tempo em que a televisão apenas iniciava sua transmissão no Brasil, mas restrita a alguns grandes centros urbanos e tudo era mais distante, a mobilidade era difícil em estradas de terra onde os “tambores” com os filmes eram transportados em “jardineiras”.

A verdade é que além do lazer e entretenimento, o cinema era uma janela aberta para o conhecimento de outras culturas e lugares distantes, apresentando outras referências, costumes, comportamentos e padrões estéticos distintos, o que permitia reflexões e mesmo inconscientemente contribuiu para a construção de novas perspectivas. O cinema era para a pequena São Tiago uma das poucas formas possíveis, aliada à educação e literatura, capaz de fazer as pessoas transcenderem para outras possibilidades e novos horizontes uma vez que longas viagens eram ainda menos acessíveis.

É fato que o poder da indústria cultural e hegemonia dos estúdios dos Estados Unidos no segmento audiovisual fazia com que os filmes provenientes de Hollywood fossem os mais difundidos já naquela época, e naturalmente o **Cine Odeon** refletia essa condição. Entretanto, foram exibidos filmes de várias nacionalidades. Além de “fitas” brasileiras, também havia filmes provenientes da França, Alemanha, Suécia, Argentina, Itália e até da antiga Checoslováquia. Alguns filmes clássicos tiveram vez como “Em Busca do Ouro”, de Chaplin,



Sr. Glauro Resende de Castro

“O Mágico de OZ”, “Sansão e Dalila”, “O Médico e o Monstro”, “A Dama das Camélias” e mesmo um documentário que retratava crimes contra a humanidade em uma época sombria da nossa civilização: “O Processo de Nuremberg”. Entre artistas, filmes com Ava Gardner, Ricardo Montalban, Elizabeth Taylor, Kirk Douglas, John Wayne, Sofia Loren, Oscarito, Mazzaropi e tantos outros astros e estrelas foram apresentados, como pode ser verificado nas anotações e documentos que sobreviveram



Cine Odeon

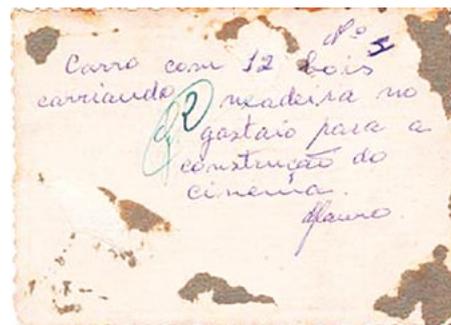
ao tempo, mesmo que alguns bastante deteriorados.

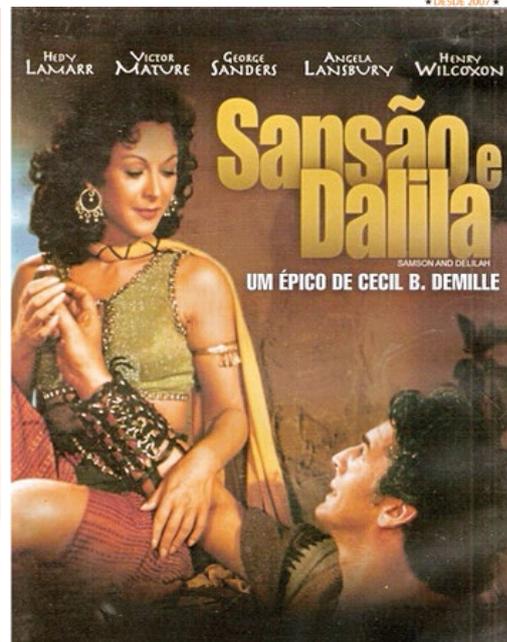
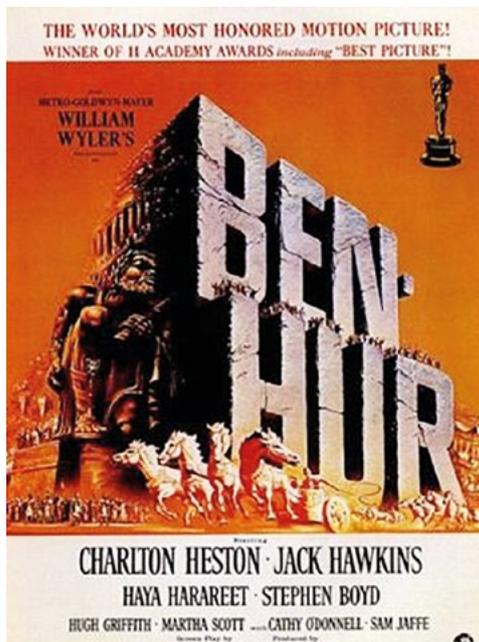
Recentemente foram compartilhadas por meios digitais com os são-tiaguenses o registro de todos os filmes e séries exibidos durante quatro anos da primeira década de funcionamento do **Cine Odeon** além de fotos, fatos e curiosidades. A partir, daí houve uma troca de conhecimento onde as pessoas da cidade que vivenciaram aqueles tempos disponibilizaram outras imagens, relataram histórias e sensações que aquele espaço despertava nas pessoas. Também passou a ser conhecido que o

local foi palco de encenações teatrais, bailes e festas de formatura, entre outras atividades. O cinema também era o ponto de encontro nos tradicionais passeios na avenida ao som das músicas selecionadas de artistas brasileiros e internacionais da época, além de trilhas sonoras de filmes que ao serem transmitidas no alto falante chamavam o público para a nova sessão que logo iniciaria.

O tempo passou, a história seguiu seu curso como um rio sem volta, e as projeções prosseguiram até meados da década de 1970, tendo passado a outros proprietários e diversas pessoas ao longo dos anos contribuíram com seu trabalho para entreter e levar conhecimento para a comunidade. Hoje são lembranças, mas o cinema permanece vivo na memória afetiva das pessoas como um capítulo importante da história cultural de São Tiago, como pode ser visto por meio de iniciativas como o documentário “**Cine Odeon, Memórias Sonoras (2010)**”, o Cineclube Audiovisuais

ou pela comunidade escolar que periodicamente faz menção ao significado e relevância desse espaço, produzindo textos em livros em eventos como a Semana Cultural e Café Literário. Nem tudo o tempo consegue apagar!





O Cine Odeon representaria um salto na qualidade de vida dos moradores em especial em termos de sociabilidade, cultura, lazer e informação, uma transformação na organização social e comunitária dezenas e dezenas de filmes projetados – muitos deles em 1ª mão, simultaneamente ao lançamento nas capitais – inserindo-nos no circuito cultural do País. O melhor dos estúdios cinematográficos chegando à cidade uma iniciativa pioneira do Sr. Glauro Resende de Castro, a quem muito a comunidade e gerações passadas devem.

Ao lado da competição da televisão, DVD, outros fatores contribuíram para o enfraquecimento das salas de exibição interioranas. A política de desmonte feita pelo desastrado governo Collor que extinguiu (1990) todos os órgãos públicos

de produções, distribuição e fomento do cinema nacional como CONCINE, FUNCINE, EMBRAFILME etc.

As distribuidoras privadas optaram por eleger apenas o topo do mercado, ou seja, salas nos grandes centros, deixando de abastecer mais de 90% do mercado nas periferias urbanas e pequenas cidades do interior. Filmes nacionais foram rejeitados, priorizando-se filmes importados.

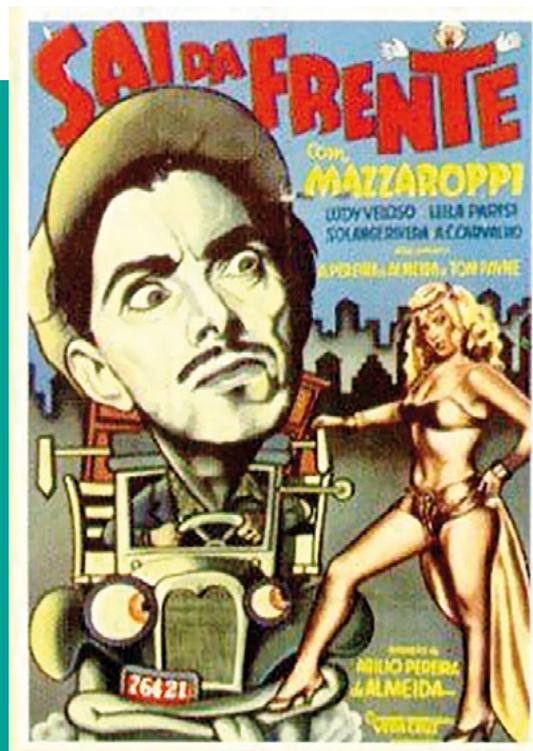
Os filmes vinham em rolos as vezes em número de 5 a 10 rolos exigindo perícia do projetor para soltar o próximo rolo, quando o rolo projetado estava finalizando.

Tela era cinemascope (tela toda), lugares todos ocupados. Ponto de encontro de toda a sociedade. Temas de filmes – faroeste, comédia, bíblicos etc.

SETENTA ANOS DO FILME “SAI DA FRENTE” - MARCO DO CINEMA NACIONAL

Lançado aos 25/06/1952 pela Companhia Cinematográfica Vera Cruz, o filme “Sai da Frente”, gênero comédia, marca a estreia de Amácio Mazzaropi (1912-1981) no cinema, até então um bem-sucedido artista de circo e rádio. Filme em pb com duração de 80 minutos sob direção de Abílio Pereira de Almeida, tendo como enredo as peripécias de Isidoro Colepicola, dono de um surrado caminhão de mudanças, apelidado de “Anastácio”; e como ajudante o inteligente cão “Coronel”. Isidoro é contratado para levar alguns móveis até Santos; descendo pela Via Anchieta até atingir o porto, Isidoro vai promovendo inúmeras situações cômicas e confusões. Ao final, retorna a São Paulo transportando animais de um circo.

Filme de grande sucesso de público, tornando a empresa Vera Cruz, que até então enfrentava dificuldades financeiras, uma das maiores cinematográficas do País. A atriz Ludy Veloso, que fêz o papel de Maria, esposa de Isidoro, recebeu o Prêmio Saci de 1952 como a melhor atriz secundária.



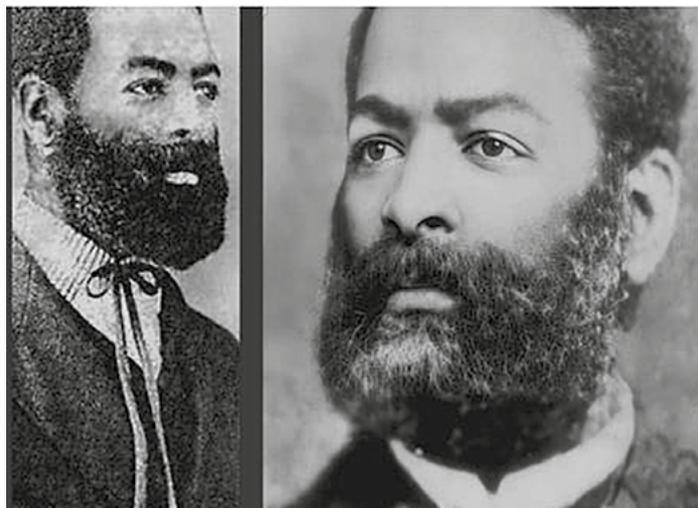
140 ANOS DO FALECIMENTO DE LUIZ GAMA

Luís Gonzaga Pinto da Gama (Salvador, 21 de junho de 1830 - São Paulo, 24 de agosto de 1882) foi um rábula (Advogado autodidata), abolicionista, orador, jornalista e escritor brasileiro e o Patrono da abolição da Escravidão do Brasil.

Nascido de mãe negra livre e pai branco, foi contudo feito escravo aos 10 anos, e permaneceu analfabeto até os 17 anos de idade. Conquistou judicialmente a própria liberdade e passou a atuar na advocacia em prol dos cativos, sendo já aos 29 anos autor consagrado e considerado "o maior abolicionista do Brasil".

Apesar de considerado um dos expoentes do romantismo, obras como a "Apresentação da Poesia Brasileira", de Manuel Bandeira, sequer mencionam seu nome. Teve uma vida tão ímpar que é difícil encontrar, entre seus biógrafos, algum que não se torne passional ao retratá-lo - sendo ele próprio também carregado de paixão, emotivo e ainda cativante. A despeito disto o historiador Boris Fausto declarou que era dono de uma "biografia de novela".

Foi um dos raros intelectuais negros no Brasil escravocrata do



século XIX, o único autodidata e o único a ter passado pela experiência do cativo. Pautou sua vida na luta pela abolição da escravidão e pelo fim da monarquia no Brasil, contudo veio a morrer seis anos antes da concretização dessas causas. Em 2018 seu nome foi inscrito no Livro de Aço dos heróis nacionais depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves.

HISTÓRIA DE SÃO TIAGO

DESCRIÇÃO

O pequeno Município de São Tiago está localizado a cerca de 200 quilômetros da capital mineira, mais precisamente na região do Campo das Vertentes. Pertencente à Estrada Real e ao Circuito Trilha dos Inconfidentes, está bem próximo dos municípios de Tiradentes, Prados, Resende Costa e da cidade histórica de São João del-Rei, distante cerca de 44 quilômetros do Município.

O povoado que se transformou no atual município, foi fundado por bandeirantes espanhóis há aproximadamente 300 anos. Não há documentação precisa nem tradição oral que guardou o nome dos primeiros a chegarem ao local, porém sabe-se que por volta de 1708, no lugar denominado Vargem Alegre, na Fazenda das Gamelas, foi descoberto ouro, fato que atraiu a atenção dos desbravadores da época, auge da produção aurífera no Brasil.

Dessa forma a região começou a ser povoada, sendo que os primeiros habitantes se fixaram ao redor de uma capela erigida em homenagem a São Tiago, santo de devoção dos espanhóis. O lugar se tornou ponto de referência e aos poucos se transformou em arraial.

Em 1802, São Tiago já figurava numa relação de arraiais do termo da Vila de São José. Em 1849, se torna distrito de São João del-Rei, e, mais tarde, em 1872, de Bom Sucesso. Em 27 de dezembro de 1948, pela Lei Estadual 336, foi criado o município, com território desmembrado de Bom Sucesso, sendo emancipado oficialmente em 01 de janeiro de 1949.

Hoje o município, que tem cerca de 10 mil habitantes, possui um distrito, denominado Mercês de Água Limpa (Capelinha), além de doze povoados na zona rural: Capão das Flores, Fundo da Mata, Tatu, Patrimônio, Chapada, Córrego Fundo, Jacaré, Ca-



jengá, Germinal e Povoado dos Melos e duas comunidades com características quilombola: São Pedro das Carapuças e Içara.

A economia local tradicional tem por base a agropecuária e a indústria extrativa de minerais. No setor agrícola produz milho, arroz, café, mandioca, dentre outros. A pecuária está dividida entre a produção leiteira e a recria de novilhos para o abate. No setor de mineração, além do minério de ferro, possui reservas de manganês, bauxita e tantalita.

A habilidade para fazer quitandas é uma tradição que acompanha a trajetória do município. Por esta razão, mais recentemente a indústria de produção de biscoitos se consolidou e assumiu um papel importantíssimo na economia local, o que acabou conferindo a São Tiago o título de "Terra do Café-com-Biscoito".

Fonte: <http://www.saotiago.mg.gov.br/>

Nota

180 ANOS DA REVOLUÇÃO LIBERAL 1842.

25 DE JULHO 1972 – 50 ANOS DE LANÇAMENTO DO LIVRO "NOTÍCIA HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE SÃO TIAGO" DR. AUGUSTO VIEGAS



O jeito de segurar a caneta pode mostrar se uma pessoa tem Alzheimer

Por Nathan Vieira | Editado por Luciana Zaramela

O jeito de segurar a caneta pode mostrar se uma pessoa tem Alzheimer. A afirmação vem de uma pesquisa publicada na revista científica JMIR Formative Research. Para chegar a isso, os cientistas reuniram 92 idosos e pediram para que fizessem um desenho.

Os pesquisadores analisaram a pressão da caneta, as pausas durante o desenho, como os participantes seguravam a caneta e velocidade do desenho, e os resultados foram inseridos em um modelo de machine learning destinado a indicar um possível comprometimento cognitivo leve ou Alzheimer.

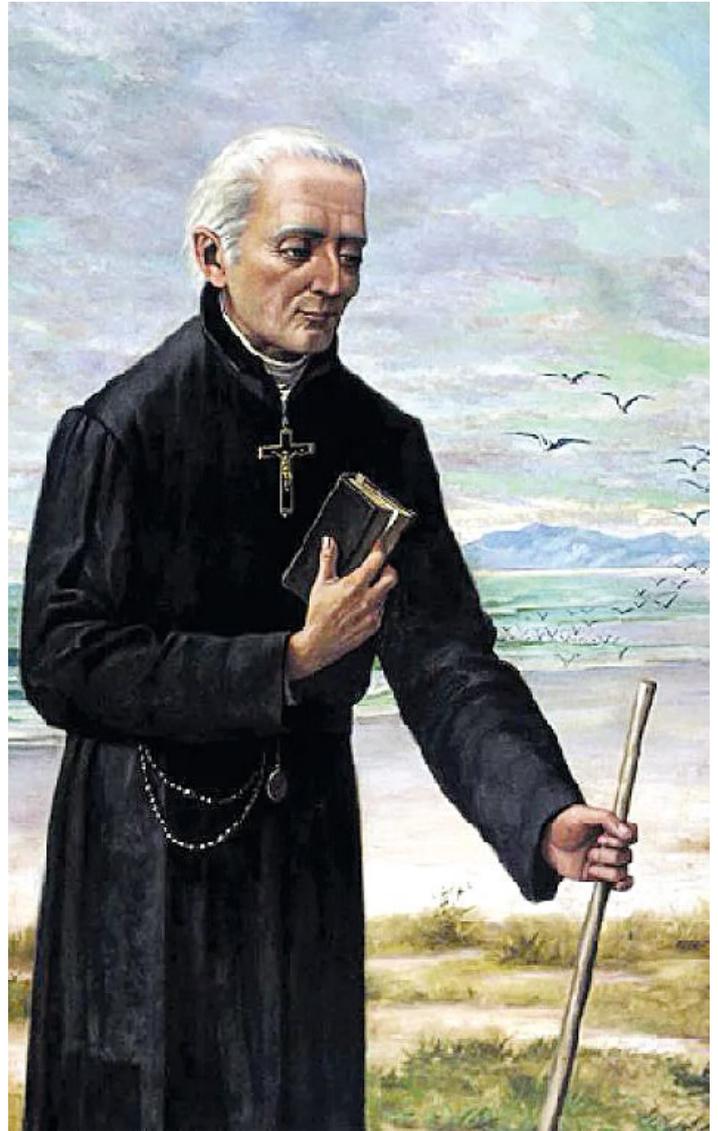
Segundo o artigo, os idosos com menor índice cognitivo mostraram maior variabilidade na velocidade de desenho e no jeito de segurar a caneta, além de pausar mais enquanto desenhavam. Os autores do estudo defendem que o teste pode ser usado em pessoas com sinais de alerta

precoce para mostrar a possibilidade de progredir para um Alzheimer.

"Embora este tenha sido um estudo relativamente pequeno, os resultados são animadores e abrem caminho para melhores testes de triagem para deficiências cognitivas", afirmam os pesquisadores. A ideia é melhorar a qualidade de vida de futuros pacientes diagnosticados com Alzheimer.

Segundo os cientistas envolvidos, cerca de 75% dos pacientes com Alzheimer não foram diagnosticados, e encontrar uma ferramenta de diagnóstico eficaz é vital para a detecção precoce da doença. No entanto, os próprios autores reconhecem que ainda há um longo caminho a trilhar: "Embora esteja claro que traços de desenho possam ser usados para rastrear deficiências cognitivas, a maioria dos testes de triagem permanece relativamente imprecisa", afirmam.

PE. SÃO JOSÉ DE ANCHIETA, O EVANGELIZADOR DAS SELVAS



O Pe. José de Anchieta – hoje santo – padroeiro dos catequistas, nasceu aos 19/03/1534, dia de São José, em Sán Cristóbal de Laguna, ilha de Tenerife, arquipélago das Canárias, na Espanha, sendo batizado aos 07/04/1534 na igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Seu pai, Juan Lopes de Anchieta, nobre de origem biscaia, era escrivão real. A mãe, Mência Diaz de Clavijo y Lerena, de origem indígena guancho. Em 1548, o jovem Anchieta foi para Coimbra, onde estudou no Colégio de Artes. Entrou para a Companhia de Jesus em 1551, época em que contrairia uma tuberculose óssea crônica, deixando-lhe como sequela uma curvatura nas costas (portador de astenia muscular). Era primo de outro missionário jesuíta no Brasil, o Pe. Aspicuelta Navarro. Noviço ainda, Anchieta transferiu-se para o Brasil, com a missão de catequese indígena⁽¹⁾, saindo de Lisboa aos 08/05/1553, em companhia de outros religiosos como o Pe. Luis de Grã (ex-reitor do Colégio de Coimbra), Pe. Brás Lourenço, Pe. Ambrósio Pires, os irmãos João Gonçalves, Antonio Blasques, Gregório Serrão e ainda de D. Duarte da Costa, 2º governador-geral do Brasil, desembarcando aos 13 de julho de 1553 em Salvador. Nesta cidade, Anchieta seria ordenado aos 06/06/1566.

Professor de latim, que dominava desde criança, a partir de 1554, no Colégio de Piratininga, hoje cidade de São Paulo. Aprendeu rapidamente o tupi, passando a comunicar-se diretamente com os índios, escrevendo em 1555 a primeira gramática (do tupi), que só seria publicada quatro décadas depois. No decurso da revolta indígena, denominada “Confederação dos Tamoios”, que tinha o apoio dos franceses, Pe. Manoel da Nóbrega (1517-1570) e Pe. José de Anchieta dirigiram-se a Iperoig (hoje Ubatuba) com o intuito de conseguir a pacificação entre índios e portugueses, tornando-se Anchieta refém dos índios durante sete meses. Nesse período escreveu o famosíssimo “Poema à Virgem Maria”, senão o primeiro grande texto literário escrito em terras brasileiras.

Divergem os estudiosos quanto à ação evangelizadora de Anchieta, que viveu, à sua época, o quinhentismo europeu, a reação contra a Reforma Protestante, a inserção e expansão da Companhia de Jesus. Era a época das grandes navegações e da violenta colonização dos povos ameríndios⁽²⁾. O conceituado autor Antonio Torres, em sua obra “Meu querido canibal” (Ed. Record, 2000) afirma que Anchieta “quando se descobria impotente na sua missão evangelizadora, proclamava aos ouvidos de seus superiores civis, militares e eclesiásticos que a melhor catequese seriam a espada e a vara de ferro” (op. cit. p. 24). De acordo com Torres, o então sacerdote, hoje santo, “largou o rosário e o missal para assumir um lugar de soldado atrás das barricadas” (p.94). E ainda: “Quem convenceu Mem de Sá a liquidar os tamoios, de uma vez por todas, foi o jesuíta José de Anchieta, o que tinha por missão a evangelização e a pacificação dos tamoios”⁽³⁾. Necessário conhecer-se, todavia, as estruturas da sociedade da época, o processo de colonização portuguesa na América e em especial a subjetividade de Anchieta – um homem entre a violência da colonização⁽⁴⁾ e sua habilidosa capacidade de se aproximar e se relacionar fraternalmente com os índios.

Opiniões e controvérsias à parte, credita-se a Anchieta o múlti-

plo, extraordinário e itinerante papel de evangelizador, educador, de enfermeiro, neste caso cuidando pessoal e zelosamente dos portugueses feridos em combate quando dos confrontos com os franceses (1565) na Baía de Guanabara. A partir de 1567, com a derrota dos franceses, estabeleceu-se na Capitania de São Vicente. Em 1577, tornou-se superior provincial da Companhia de Jesus no Brasil, exercendo a função por dez anos, transferindo-se em 1587 para o Espírito Santo, onde viveria até o final da vida, falecendo em Reritiba aos 09/06/1597 com 63 anos. Beatificado aos 22/06/1980 pelo Papa João Paulo II (1920-2005) e canonizado aos 03/04/2014 pelo Papa Francisco. Lembrando que Anchieta foi canonizado através de uma estratégia pouco difundida – a Equipolência – que ocorre quando não foi/é possível comprovar um milagre, porém o candidato detém já um culto estabelecido, consolidado, de reconhecimento amplo, dispensando-se o protocolo habitual da causa da canonização.

Anchieta criaria escolas, enfermarias, adentraria matas ínvias, escreveria peças teatrais de fins catequéticos, pregaria incessantemente aos nativos e colonos. Lutas de toda ordem, andanças por tantos lugares, enfrentando a barbárie, a beligerância, o primitivismo das tribos indígenas, a cupidez dos colonizadores, tudo sofrendo, labutando de forma a levar o Evangelho a toda parte, a prevalecer a fé em Cristo. Personalidade invulgar da história pátria, destemido, virtuoso, cognominado o “Apóstolo do Brasil” e “Evangelizador das selvas”, assim profetizou sobre a então Terra de Santa Cruz (Brasil); “Quando os povos brasís observarem a doutrina de Cristo, instaurar-se-á por séculos, neste mundo austral, a idade do ouro” obra “De Gestis Mendi de Saa”⁽⁵⁾. Lei federal de 1965 declarou o dia 9 de junho como “Dia de Anchieta”, visto pelo governo militar

brasileiro de então (1965) como precursor da nacionalidade e exemplo de santidade para a sociedade pátria.

Literatura – A literatura jesuítica e os relatos de viagens dominaram os primeiros tempos da vida colonial brasileira, não tendo nós, à época, uma identidade cultural formada. As obras de S. José de Anchieta compõem a literatura catequética do quinhentismo e/ou ainda literatura narrativa sobre o Brasil, apresentando características peculiares ao período: lirismo, utilitarismo, teocentrismo, aspecto evangelizador, dramaticidade, desvalorização da cultura indígena. A principal propriedade de sua obra, pois, era a finalidade catequética, a preocupação didático-religiosa objetivando a

conversão dos índios. Algumas de suas obras:

- < Auto da Festa do Natal (1561)
- < Dos grandes feitos de Mem de Sá (1563)
- < Poema da Bem Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus (1563)
- < Auto da pregação universal (1567)
- < Auto da Festa de São Lourenço (1583)
- < Auto de São Sebastião (1584)
- < Na aldeia de Guaraparim (1585)
- < Auto de Santa Úrsula (1595)
- < Auto de São Maurício (1595)
- < Arte da gramática da língua mais falada na costa do Brasil (1595)

NOTAS

(1) Segundo historiadores, os índios que habitavam o Brasil à época da descoberta, distribuíam-se, a grosso modo, pela seguinte ordem: tapuias, do Amazonas ao Jaguaribe (Ceará); potiguares do Jaguaribe às costas do Parnaíba; caetés do Parnaíba ao Rio São Francisco; tupinambás, do Rio São Francisco ao sul da Bahia; tupiniquins, entre os rios Camami e Cricaré (Espírito Santo); prapanás e aimorés na região baiana de Ilhéus, Porto Seguro e partes do Espírito Santo; goitacazes, entre o rio Reritiba (ES), norte do Estado do Rio e partes de Minas Gerais; tamoios entre o cabo de São Tomé, Angra dos Reis e São Paulo; goianazes, região de Cananeia; carijós de Cananeia até a região do Prata, além de inúmeras outras tribos menores. Ver matéria, a respeito, em nosso boletim n.....

(2) O Papa Alexandre VI, na vida civil Rodrigo Bórgia, era natural de Valença, amigo dos reis castelhanos, elaborando três bulas, em especial a terceira “Inter Coetera” (“Entre outros trabalhos”), datada de 04/05/1493, na qual definiu que o Novo Mundo (América) cujas terras tinham sido descobertas por Cristóvão Colombo em 1492, seria dividido entre Espanha e Portugal, através de um meridiano situado a 100 léguas a oeste das Ilhas de Açores e do Cabo Verde; o que estivesse a oeste do meridiano seria espanhol e o que estivesse a leste seria português. Tais termos desagradaram muito a Coroa Portuguesa, que já sabia, há muito dessas terras, gerando impasse, tendo sido (re)negociado pelo Tratado de Tordesilhas (1494), estabelecendo o novo meridiano a 370 léguas das referidas ilhas. (Sobre o Brasil pré-Cabral ver matéria em nosso boletim nº CXXXIX abril de 2019).

A natureza dos povos ameríndios seria motivo de intensas discussões filosóficas, teológicas, alegando alguns pensadores, dentre eles Juan Ginés de Sepúlveda (obra “Democrates Alter – Tratado de las causas justas de la guerra contra los índios”) que os índios eram bárbaros, passíveis de escravidão e mesmo extermínio. Baseava-se Sepúlveda no contexto aristotélico “abúsei doulos” (traduzido pelos copistas medievais como “servos a natura”, ou seja, que os bárbaros eram, por natureza, escravos, conceito estendido, de forma oportunista, pelos colonizadores aos índios). Sepúlveda encontraria em Bartolomeu de Las Casas um adversário de peso, gerando entre eles uma rumorosa controvérsia pública que perduraria, por décadas, tendo seu ponto alto no concílio de Valladolid (1550). Bartolomeu Las Casas contrapôs-se firmemente às conceituações falseadas de Sepúlveda, considerando que os índios não se enquadravam nas categorias de bárbaros mencionadas por Aristóteles na obra “Política”, desconhecedor este da verdade, virtude e caridade cristã. As atrocidades perpetradas pelos colonizadores eram, pois, ilegítimas e anticristãs. Las Casas obtemperou que nem todos os bárbaros eram servos por natureza ou indignos de governar a si próprios, não precisando, pois, ser governados por outros. Os índios, segundo Las Casas, embora incorretamente denominados bárbaros, tinham reinos, jurisdições, comércio, contratos próprios de direito, considerando que Sepúlveda de forma “talvez por ignorância ou talvez por maldade, falseou contra essa gente a doutrina de Aristóteles e por isso, de maneira ardilosa, muito inexplicavelmente, difamou essas gentes para todo o mundo” (“Apologia”, Madrid, Ed. Nacional, 1975, p. 22).

Las Casas promove profunda argumentação acerca, considerando viciosas e culposas as teses de Sepúlveda, ainda que embasadas ou deturpadas de Aristóteles, devendo as relações com os índios serão embasadas na caridade e na virtude cristã. “Todas as nações

do mundo são homens e de cada um deles só pode ser uma única definição: todos tem entendimento e vontade, todos tem cinco sentidos exteriores e quatro interiores e se movimentam por meio deles, todos se alegram com o bem e sentem prazer com o saboroso e o alegre e todos rejeitam e aborrecem o mal e se alteram com o sem sabor e o que lhe faz dano” (op.cit). Observa Las Casas que a linguagem de Sepúlveda era repetitiva, silogística, fundamentada viciosamente na doutrina aristotélica quanto às causas ou motivos naturais de escravidão e dominação. De forma filosófica e teológica, Las Casas se tornou o grande defensor dos povos do Novo Mundo, desmascarando o eurocentrismo e a arrogância assassina dos colonizadores. A chacina dos ameríndios, infelizmente, à época de Las Casas, já era algo consumado. A luta coerente, incessante, ainda que inócua, em prol da dignidade humana e do verdadeiro cristianismo, Las Casas jamais abriu mão de suas ideias, jamais se calou, gritando ao mundo e através dos tempos, os tenebrosos crimes de seus patrícios...

(3) Há rumorosas e reverberadas discussões sobre a participação de Anchieta no enforcamento do huguenote francês Jacques Le Balleur (também mencionado como Jean Cointá ou Senhor de Bolés) levado ao cadafalso pelos portugueses em 1567, execução que contou com a presença e assistência religiosa de Anchieta, que, segundo alguns, teria agilizado a morte do condenado (tido por historiadores como um trapaceiro) ou até mesmo atuado como carrasco. Tal fato atravancou por tempos o processo, iniciado no século XVII, de beatificação/santificação de S. José de Anchieta, assunto ainda hoje acalorado, gerando sentimentos ambíguos. Evangélicos como Álvaro Emilio Gonçalves dos Reis no século XIX e Erasmo Braga no século XX, ambos pastores presbiterianos, atentaram quanto às perseguições sofridas pelos calvinistas franceses à época da descoberta e século inicial de colonização do Brasil, provocando controvérsias acirradas com pensadores católicos e monarquistas, dentre eles Eduardo Prado.

O antropólogo Darcy Ribeiro, em sua obra “O povo brasileiro, a formação e o sentido do Brasil” (SP, Ed. Companhia das Letras, 1995) é crítico do plano jesuítico de evangelização, visto como prepotente, violento, lembrando ainda Ribeiro que Pe. Anchieta demonstrou regozijo diante do infortúnio dos tamoios, além de enaltecer a figura de Mem de Sá, um dos maiores massacradores de índios de nossa história. O jornal “Folha de São Paulo” ed. 29/04/2000, no tocante às comemorações do 5º centenário de evangelização do Brasil, comenta “Mesmo um homem santo e culto como Anchieta, aparece, aos olhos dos críticos de hoje, como que dividido entre sua boa fé e sua sensibilidade poética por um lado e uma atitude, às vezes, de imposição da nova religião aos índios, por outro”

(4) O violento processo de colonização desempenhado por portugueses e espanhóis na América geraria acaloradas discussões e revisões e tudo com o beneplácito papal. A bula Et Coetera (1492) do Papa Alexandre VI predispunha “...sujeitar a vós (rei católico), por favor da Divina Clemência, as terras firmes e ilhas sobreditas e os moradores e habitantes delas e reduzi-los a fé católica”. O que, na prática, levaria à servidão natural a o extermínio dos povos selvagens ameríndios, tese esta apresentada no Concílio de Trento em Valladolid na Espanha pelo dominicano Juan Ginés de Sepúlveda. Ver nota 2.

(5) Profecias sobre o futuro e o destino do Brasil ver matéria em nosso boletim nº CXLVI novembro de 2019 e CLII maio de 2020.

O POEMA À VIRGEM MARIA



O Poema à Virgem foi composto por Anchieta no período em que esteve refém entre os índios tamoios. Escrito originalmente em latim nas areias de Iperoig, cerca de 6.000 versos por ele memorizados e somente transcritos em São Vicente, a partir de 21/09/1563, quando já liberto do aprisionamento⁽¹⁾. Anchieta era dotado de extraordinária memória, erudição, doutrina e genialidade, além de grande habilidade, suavidade no trato, espírito apostólico, retidão de costumes, angariando o afeto dos colonos e autoridades, bem como dos próprios indígenas litigantes.

“Cantar ou calar? / Mãe Santíssima de Jesus, os teus louvores / hei de os cantar ou hei de os calar? / A mente alvoroçada / sente-se impelida pelo aguilhão do amor / a oferecer à sua Rainha uns versos”

“Mas receia com a língua impura / decantar tuas glórias / inúmeras culpas carregam-na de manchas / como ousará mundana língua enaltecer / a que encerrou no seio o Onipotente?”

Ao escrever o Poema na areia, o tríplice esforço da concepção, da redação e da memorização. Anchieta busca no que reteve dos Evangelhos e na Tradição, em consonância com os Exercícios Espirituais de S. Inácio de Loyola, os fatos ou momentos mais significativos da vida da Virgem – Anunciação, Visitação, Natal, Adoração dos Magos, Apresentação de Jesus no templo, fuga e volta do Egito, perda e encontro de Jesus no templo, Paixão, Ressurreição, Ascensão e Pentecostes.

Trata-se de um cântico, um poema-meditação, uma narrativa em estilo lírico, confessional, devocional à Virgem, onde cenários de deslumbramento, desolação, comiseração, vassalagem, compartilhamento se alternam, se completam. Para alguns críticos, um paralelismo (auto) biográfico entre o poeta e Virgem, com circularidade e coparticipação do autor no contexto/espço narrativo, envolvendo abordagens como sua visão do mundo, sentimentos de simpatia, antipatia, reverências, aversões, exaltação da virtude. Percebe-se, assim, no conteúdo poemático uma ânsia de perfeição, de exacerbação do mundo interior, uma oferta de martírio, de forma a merecer as graças da Virgem.

Estudiosos observam que, séculos antes da definição dogmática da Imaculada Conceição, Anchieta dedica-lhe especialíssima distinção e reverência: *“Concebida em seio materno como todos nós / só tu, ó Virgem, foste livre do labéu / que mancha os outros todos / e esmaga ao calcanhar / a cabeça do enroscado dragão / retendo sob as plantas sua fronte humilhada / toda bela de alvura e luz / não houve sombra em Ti, doce amiga de Deus”*

O poema se encerra com proclamação de amor à Virgem: *“Eis*

os versos que, outrora, ó Mãe Santíssima / Te prometi em voto / vendo-me cercado de feros inimigos / enquanto, entre os tamoios conjurados / pobre refém tratava as suspiradas pazes / Tua graça me acolheu / em teu materno manto / e teu véu me velou intactos corpo e alma / A inspiração do céu / eu, muitas vezes, desejei penar / e cruelmente expirar em duros ferros / mas sofreram merecida repulsa meus desejos / só a heróis / compete tanta glória”

Dedica, ademais, eloquentes versos ao Sagrado Coração de Jesus, à Divina Chaga, precedendo a Santa Margarida Maria de Alacoque (1647-1690), a fervorosa mensageira, vidente e santa, que, no século seguinte, receberia do próprio Salvador a missão de disseminar esta excelsa devoção por todo o mundo.

“Ó chaga sagrada, não foi a ferro de uma lança que te abriu, mas sim o apaixonado amor que, ao nosso amor, tinha Jesus foi quem te abriu

Ó caudal, que borbulhou no seio do Paraíso, de tuas águas se embebe e fertiliza a terra!

Ó estrada real, porta cravejada do Céu, torre de refúgio, abrigo de esperança (...)

Ó chaga vermelha, que reverberas de imensa formosura e feres de amor os corações amigos!

Ó ferida, que abriste com a lança do amor, através do peito divinal, estrada larga para o Coração de Cristo!

Prova de inaudito amor com que Ele a Si nos estreitou; porto a que se acolhe a barca na procela!

A ti recorrem os perseguidos do inimigo fero, medicina pronta a toda enfermidade!”

NOTAS

(1) Segundo Charles Saint-Foy, Anchieta, enquanto lavrava, com toco bordão, seu poema nas praias de Iperoig, era/fora visto rodeado por formoso pássaro, de linda e variada cor, que esvoaçava em torno de Anchieta, pousando-lhe nos ombros, mãos e cabeça (*“Vida do Venerável Pe. José de Anchieta”* SP, Jorge Secler, 1978, pp. 43/47)

Há relatos que, quando da construção da estrada entre São Vicente e a vila de Piratininga, sob a supervisão de Anchieta, após desabar violentíssima tempestade, obrigando os trabalhadores em pânico a buscarem abrigo, Pe. Anchieta – que não mais fora visto durante a tormenta -seria encontrado horas depois em meio à mata, em oração profunda, suspenso no ar, levantando, o semblante irradiando intensa luz. Dele disseram os índios: *“Caraibebé”* que significa *“homem de asas”*.

A POSIÇÃO DE ANCHIETA NA LITERATURA BRASILEIRA

A ação evangelizadora de Anchieta ungiu as origens de nossa nacionalidade. Quase um consenso entre estudiosos. No tocante à arte literária, há, contudo, muitas discordâncias entre historiadores e críticos. Silvío Romero em sua “História da Literatura Brasileira” (1881) foi o primeiro escritor – e com ressalvas – a incluir Anchieta entre nossos poetas. Já Melo Moraes Filho reivindicava para Anchieta a posição de criador da literatura nacional (“Curso de Literatura Brasileira” – 1882). José Verissimo considerava Anchieta um “poeta gorado, uma vocação abafada pela missão a que se dedicou”, nomeando o período como “poesia jesuítica” (“História da Literatura Brasileira”).

Oliveira Lima em “Aspectos da Literatura Brasileira”, apologista das ideias de Silvío Romero, ampara a exclusão dos textos jesuíticos, neles não encontrando valores literários e mesmo de territorialidade e essencialidade nacional. Pe. Januário da Cunha Barbosa em seu “Parnaso Brasileiro” (1831) não fez menção à obra anchietana, o mesmo ocorrendo com Adolfo Varnhagem em seu “Florilégio da Poesia Brasileira” – 1880; da mesma forma o Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (“Curso Elementar da Literatura Brasileira” – 1862) e ainda Eduardo Perié (“A Literatura Brasileira nos Tempos Coloniais – do começo do século XVI ao começo do século XIX” – 1885), os quais não incluem textos de Anchieta.

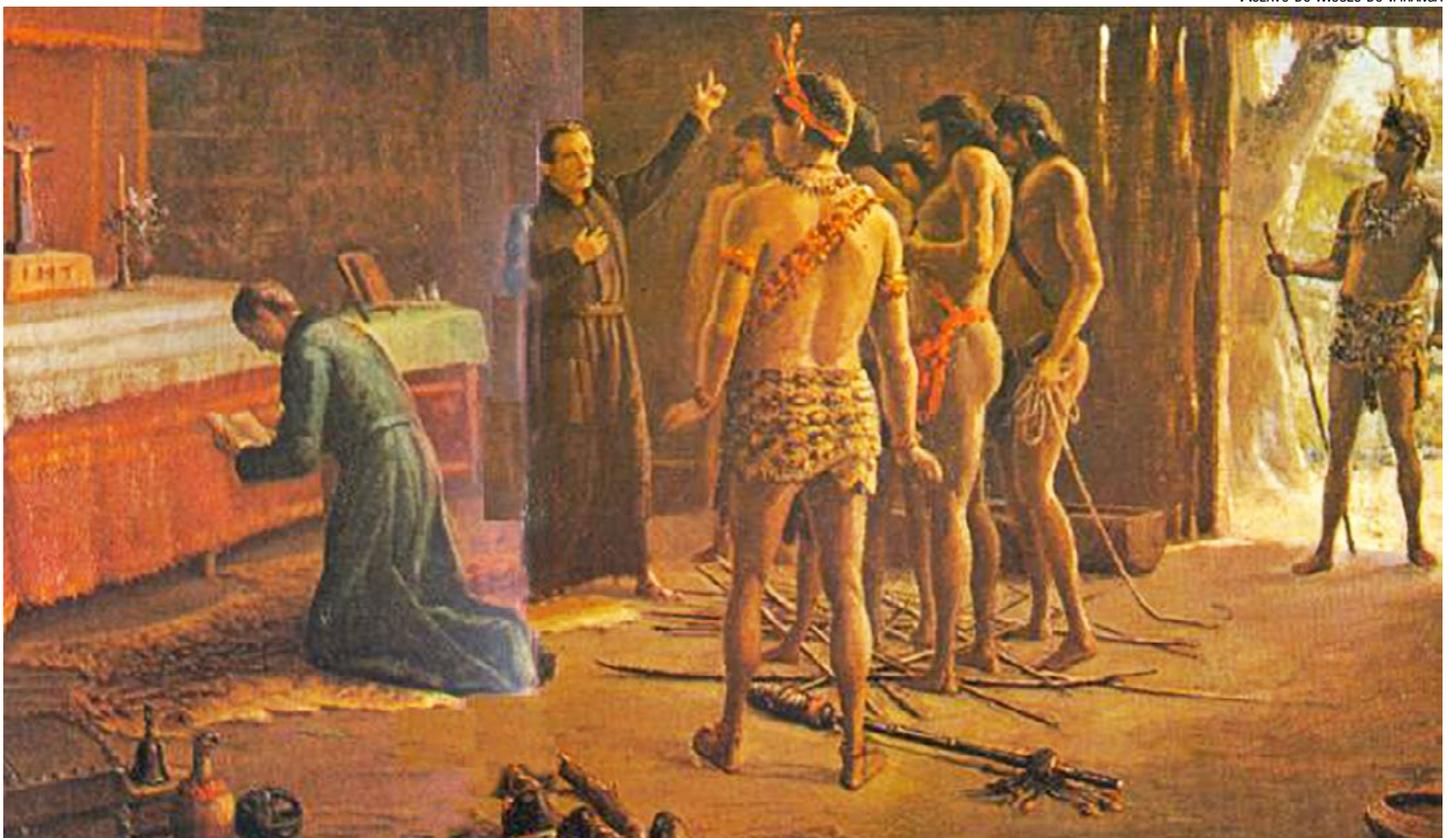
Ronald de Carvalho em “Pequena História da Literatura Brasileira” vê virtudes no “estilo puríssimo e imaginação viva e colorida” dos textos de Anchieta. Afrânio Peixoto, ao apresentar os “Cantos de Anchieta” (1923), edição da Academia Brasileira de Letras, considera que “os poemas e autos perdidos de Pe. Navarro (...) os remanescentes do muito que escreveu Anchieta são as nossas primeiras letras” Jorge O. Almeida Abreu em “História da Literatura Nacional” (1930) reconhece em Anchieta “um ponto de partida, um precursor”. Fernando de Azevedo em “A Cultura Brasileira” (1943) reconhece a epistolografia jesuítica do século XVI como de “interesse mais particular, informativo e documentário”. Silvío Júlio fez, a esse respeito, um paralelismo entre as colonizações portuguesa e espanhola na América “No decorrer do século XVI, o Brasil que não contou com um único literato nascido em seu território, viu-se inteiramente esquecido quanto a assuntos culturais pelas autoridades portuguesas. Se os jesuítas não ministrassem aos mamelucos uma tintura de instrução primária e o

catecismo aqui o mais perfeito dos analfabetismos grassaria como peste. Nem universidades, nem tipografias tivemos. Assim se explica que nossa literatura seja nula no decorrer do século XVI, enquanto as principais colônias espanholas que eram servidas por universidades e tipografias floresciam promissoramente” (“Reações da Literatura Brasileira” – 1938)

Sérgio Buarque de Holanda inclui alguns textos de Anchieta em sua “Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial” considerando Anchieta o primeiro lugar na precedência cronológica de nossos poetas. Igual reconhecimento seria manifestado por Joaquim Ribeiro em “Estética da Língua Portuguesa” e ainda quando das comemorações do 4º centenário de nascimento de Pe. Anchieta, com a inclusão/publicação de vários de seus textos. O famoso crítico Otto Maria Carpeaux excluiu de sua “Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira” (1952) todos os autores brasileiros do século XVI, considerando que nada contribuíram para a evolução posterior de nossas letras. Afrânio Coutinho em seu ensaio “Do Barroco ao Rococó” enumera “o significado da obra de Anchieta, atuando o doce evangelizador do gentio como o fundador da literatura brasileira”. “Os escritos anchietanos foram os primeiros no Brasil “para brasileiros” quando os demais eram “sobre o Brasil” para europeus” (“Panorama da Literatura Brasileira” – 1947)

Alceu Amoroso Lima em “Quadro Sintético da Literatura Brasileira” (1956) afirma: “A figura máxima nesse terreno (obra jesuítica) foi a de José de Anchieta. Humanista, poeta em latim, castelhano e português, filólogo que iniciou os estudos das línguas indígenas, historiador, epistológrafo, dramaturgo, tem sido Anchieta considerado com razão o fundador da literatura brasileira” José Osório de Oliveira em “História Brava da Literatura Brasileira” atribui ao missionário Anchieta a condição de “primeiro escritor brasileiro” e “verdadeiro pai espiritual do novo domínio cristão”. Leodegário Amarante de Azevedo Filho em “A Poética de Anchieta” (1962) infere: “não se pode negar a inspiração inata de Anchieta para a poesia (...) a beleza de alguns de seus hinos e vilancetes que revelam a mais fina inspiração lírica”. A poesia de Anchieta, ressalvadas as restrições, é pois de reconhecido valor estético, literário, histórico, social. Poesia que estava entranhada em sua vida de missionário, catequista e humanista, merecendo o apreço da posteridade e da brasilidade.

ACERVO DO MUSEU DO IPIRANGA



Anchieta e Nóbrega na cabana de Pindobuçú

BUDA – PARÁBOLAS

III

A VIDA DO HOMEM

1. Vejamos uma alegoria que retrata a vida humana. Era uma vez, um homem que remava um barco rio abaixo. Alguém que estava na margem o advertiu, dizendo: “Pare de remar tão vigorosamente nesta suave corrente; logo adiante há corredeiras e um perigoso redemoinho, há crocodilos e demônios à espreita nas rochosas grutas. Você perecerá, se continuar”.

Nesta alegoria, “suave corrente” representa a vida de luxúria; “remando vigorosamente” significa dar vazão às paixões; “corredeiras adiante” é o subsequente sofrimento e dor; “redemoinho” representa o prazer; “crocodilos e demônios” referem-se à decadência e morte que seguem a vida da luxúria e da indulgência aos maus desejos; “Alguém na margem”, que adverte, é Buda.

Eis outra alegoria. Um homem que havia cometido um crime fugia à perseguição dos guardas. Tentou se esconder, descendo em um poço agarrando-se nas trepadeiras que cresciam em seus bordos. Quando descia, viu no fundo do poço, umas víboras;

refreou então, sua descida, agarrando-se e sustentando-se firmemente na liana. Depois de um tempo, quando seus braços começaram a se cansar, ele viu dois camundongos, um branco, outro preto, roendo a liana.

Se a liana se partisse, ele cairia, seria picado pelas víboras e pereceria. De repente, porém, olhando para cima, viu uma colmeia, de onde, ocasionalmente, gotejava o mel. O homem, esquecendo-se dos perigos que corria, provou o mel com satisfação.

O homem significa todo aquele que nasce para sofrer e morrer sozinho. Os guardas e as víboras representam o corpo com todos os seus desejos. As Lianas significam a continuidade da vida humana. Os dois camundongos, um branco, outro preto se referem ao escoar do tempo: os dias e as noites e o passar dos anos. O Mel simboliza os prazeres físicos que iludem o sofrimento dos anos que passam.

2. Eis ainda outra alegoria. Um rei colocou quatro víboras numa caixa e a confiou à guarda de um criado. Ele lhe recomendou a tratar bem das serpentes e o advertiu que seria morto se a elas maltratasse. O criado, aterrorizado, decidiu jogar a caixa e fugir.

O rei mandou em seu enalço cinco guardas que dele se acercaram e, amistosamente, pretenderam levá-lo de volta, mas o criado, não confiando na

amabilidade deles, fugiu para outra aldeia.

Então, em um sonho, uma voz lhe dizia que nesta aldeia não havia abrigo seguro e que seis bandidos o atacariam. Aterrorizado, o criado fugiu até chegar a um impetuoso rio que lhe barrou o caminho. Pensando nos perigos que o estavam seguindo, fez uma jangada, conseguiu cruzar a turbulenta corrente e alcançar segurança e paz.

As quatro víboras da caixa são os quatro elementos – terra, água, fogo e ar – que compõem o corpo físico. Este corpo, fonte do desejo e da luxúria, é o inimigo da mente. Portanto esta tenta fugir daquele.

Os cinco guardas que se acercaram amistosamente são os cinco agregados – a forma, o sentimento, a percepção, a vontade e a consciência que formam o corpo e a mente.

O abrigo seguro são os seis sentidos, que não são, apesar de tudo, refúgios seguros, e os seis bandidos são os seis objetos destes seis sentidos. Assim, vendo as ciladas e os perigos nos seis sentidos, o criado fugiu uma vez mais, até chegar à bravia corrente dos desejos mundanos, onde, com os bons ensinamentos de Buda, fez uma jangada e sobrepuiu, com segurança, a turbulenta corrente.

3. Há três ocasiões de perigo em que um filho não pode salvar a mãe e, nem a mãe pode salvar o filho: num grande incêndio, numa inundação e num assalto. Mas, mesmo nestas perigosas e angustiantes ocasiões, há oportunidades para se ajudar uns aos outros.

Entretanto, há três ocasiões em que é impossível a uma mãe salvar o filho e o filho salvar a mãe. Estas três ocasiões são: o tempo da doença, o tempo de ficar velho e o momento da morte.

Como pode um filho ocupar o lugar da mãe que está envelhecendo? Como pode uma mãe adoecer em lugar de seu filho? Como pode um ajudar ao outro, quando a morte se aproxima? Não importa o quanto possam amar-se um ao outro, nem quão íntimos possam ser, nenhum pode ajudar o outro em tais ocasiões.

4. Certa vez, Yama, o lendário rei das Trevas, chamou um homem que, em vida, agira mui pecaminosamente, e lhe perguntou se, durante a sua vida, encontrou três mensageiros do céu. O homem lhe respondeu: “Não, meu senhor, eu nunca encontrei tais pessoas”.

Yama perguntou-lhe se havia encontrado uma pessoa idosa, vergada pelos anos e andando com uma bengala. O homem replicou: “Sim, meu senhor, encontrei pessoas assim, freqüentemente”. Então,

Yama lhe disse: “Você está sofrendo este castigo, porque não reconheceu naquele velho um mensageiro do céu, para adverti-lo para que mudasse rapidamente seu modo de agir antes que se tornasse também um homem velho”.

Yama perguntou-lhe, novamente, se já havia visto um homem pobre, doente e sem amigos. O homem lhe respondeu: “Sim, meu senhor, eu vi tais homens”. Então, Yama lhe disse: “Você se encontra agora neste lugar, porque não reconheceu nestes homens doentes os mensageiros do céu, enviados para adverti-lo sobre sua própria doença”.

Uma vez mais, Yama lhe perguntou se já havia visto um homem morto. O homem retrucou: “Sim, meu senhor, muitas vezes, estive na presença dos mortos”. Yama lhe disse: “Você aqui se encontra, porque não reconheceu nos mortos os mensageiros do céu, enviados para adverti-lo sobre seu próprio fim. Se tivesse reconhecido estes mensageiros e obedecido às suas advertências, você teria mudado seu curso e não precisaria vir a este lugar de sofrimento”.

5. Kisagotami, a jovem esposa de um homem rico, enlouquecera, quando seu filho morreu. Desatinada, agarrou a criança morta em seus braços e andou de casa em casa, pedindo às pessoas que curassem o menino.

Certamente, ninguém nada pôde fazer por ela, mas um discípulo de Buda aconselhou-a a procurar o Abençoado que se encontrava em Jetavana, e assim, ela levou a criança morta até Buda.

Buda olhou-a com simpatia e lhe disse: “Para curar a criança, eu preciso de algumas sementes de papoula; vá e peça quatro ou cinco sementes de papoulas nas casas em que a morte nunca tenha entrado”.

Assim, a desvairada mulher saiu e foi procurar uma casa em que a morte nunca entrara, mas em vão. Por fim, retornou a Buda. Em sua serena presença, sua mente se desanuviou e ela compreendeu o significado de Suas palavras. Ela levou o corpo de volta e o enterrou, em seguida, retornou a Buda e se tornou uma de Seus seguidores.



O BRASIL DO SÉCULO XIX SOB A ÓTICA PRECONCEITUOSA COLONIALISTA

O Brasil do século XIX seria marcado, na visão de viajantes europeus, por inúmeros preconceitos, deformações ideológicas e mesmo científicas, atendendo, em grande parte, a um pensamento e concepção colonialistas. Mesmo pós Independência (1822) o Brasil prosseguiria sob dominação econômica e cultural por parte de potências mundiais como a Inglaterra e posteriormente os Estados Unidos. O conceito colonialista estender-se-ia ainda a aspectos morais e comportamentais, no contexto de que os moradores do País, mormente os mestiços, vistos e intitulados como inaptos para o trabalho, indolentes e reclamões. O estigma da indolência aplicado, por atacado, a todo brasileiro, seja ele indígena, branco, negro, mestiço e dessa forma aparece, invariável e sistematicamente mencionado nos livros, diários e impressões de viajantes estrangeiros da época (século XIX). A visão europeia de que era uma civilização superior embasava-se no poderio político-econômico e em falsas premissas científicas como forma de justificar sua dominação, exploração e escravização dos demais povos e de caracterizá-los como de incapazes para o trabalho e produto de raças degeneradas.

“Aqui só se ouvem lamúrias”, escreveu o viajante francês Louis François Tollenare (1780-1853) (“Notas Dominicais tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818” – Salvador, Ed. Progresso, 1956, p. 247). Ainda Tollenare: “Esta gente é tão preguiçosa, tem tão poucas necessidades que parece mister refundi-las moralmente e sabendo-se que é na reforma moral que as administrações encontram os maiores óbices” (op. cit p. 97). Mary Graham (1785-1842), senhora inglesa que esteve entre nós no início do século XIX, em sua obra “Diário de uma viagem ao Brasil” (SP, Comp. Editora Nacional, 1956, pp. 57/58) refere-se aos brasileiros de forma desonrosa e insensível, a quem denomina “indolentes”.

Ao visitar os arredores de Recife (1810), a sra. Graham, registra que os aluguéis de chácaras e sítios eram ali ínfimos, afirmando que tal fato “deriva em maior parte da indolência e conseqüente pobreza dos possuidores das terras... Agora, que a cultura do açúcar e do algodão acham-se em decadência, a quase metade das fazendas estão arruinadas, mas o caráter do povo é de tal forma ocioso, que em vez de rentabilizar suas fazendas, eles preferem alugá-las por miseráveis mensalidades” (op. cit. p. 141).

O Brasil, assim como Portugal, esteve sempre dependente da Inglaterra, senhora dos mares, impondo-se política, econômica e militarmente em todos os quadrantes do globo. O mercado brasileiro achava-se abarrotado de produtos ingleses de toda sorte, em sua maioria inúteis. Paquetes atravessavam intermitentemente o Atlântico em cumprimento aos acordos comerciais entre Portugal e Inglaterra, esta sequiosa e impositiva quanto à ocupação de novos e exclusivos mercados. Tal o despropósito dos produtos enviados pelos ingleses que aqui encontravam-se à venda, muitos deles inabituais e invendáveis, empanturrando nossos portos e enchendo prateleiras com fogos de artifícios, cristais, porcelanas etc. “Espartilhos, caixões mortuários, selas e até mesmo patins para o gelo abarrotavam o mercado, no qual não seriam vendidos e para o qual nunca deveriam ter sido enviados” (Olga Napoleão, apud Sérgio Buarque de Holanda, “História Geral da Civilização Brasileira”, SP, Difel, vol. 1, t.2, p. 75).

O viajante inglês John Mawe assim testemunhou a respeito: “O mercado ficou inteiramente abarrotado; tão grande e inesperado foi o fluxo de manufaturas inglesas no Rio, logo em seguida à chegada do Príncipe Regente, que os aluguéis das casas, para armazená-las, elevaram-se vertiginosamente. Montes de ferragens e de pregos, peixe salgado, montanhas de queijos, chapéus etc. achavam-se expostos

não somente ao sol e à chuva, mas à depredação geral” (“Viagens pelo interior do Brasil” RJ, Ed. Valverde, 1944, p. 318). A já citada senhora Mary Graham em sua obra “Uma inglesa na independência do Brasil”, assim descreve o comércio do Rio de Janeiro (1821): “As ruas estão em geral repletas de mercadorias. A cada porta, as palavras “Superfino de Londres” saltam aos olhos. Algodão estampado, panos largos, louças de barro, mas acima de tudo, ferragens de Birmingham podem ser obtidas nas lojas do Brasil a preços um pouco mais altos do que em nossa terra” (<https://brainly.com.br/tarefas/9777645>, acesso em 21/06/2021).

Fatores climáticos e raciais, sem quaisquer comprovações científicas, apregoados por estrangeiros preconceituosos, dada a geografia tropical e a miscigenação, buscavam inferiorizar e menoscabar os brasileiros, vistos como inaptos, indolentes, pessoas sem estímulo e inteligência e cuja cultura moral era determinada pelo clima (alta incidência de rios, florestas, o sol inclemente)⁽¹⁾. Henry Koster (1784-1820) assim se pautou a esse respeito: “O homem trabalha geralmente por necessidade e tem necessidade de alguns estimulantes para animá-los ao esforço laboral. Esse fato ocorre sob todos os climas e influi com demasiada frequência naqueles em que a natureza inclina à indulgência essas propensões indolentes” (“Viagens ao Nordeste do Brasil” Sp, Comp. Editora Nacional, 1942, pp. 545, 548, 552).

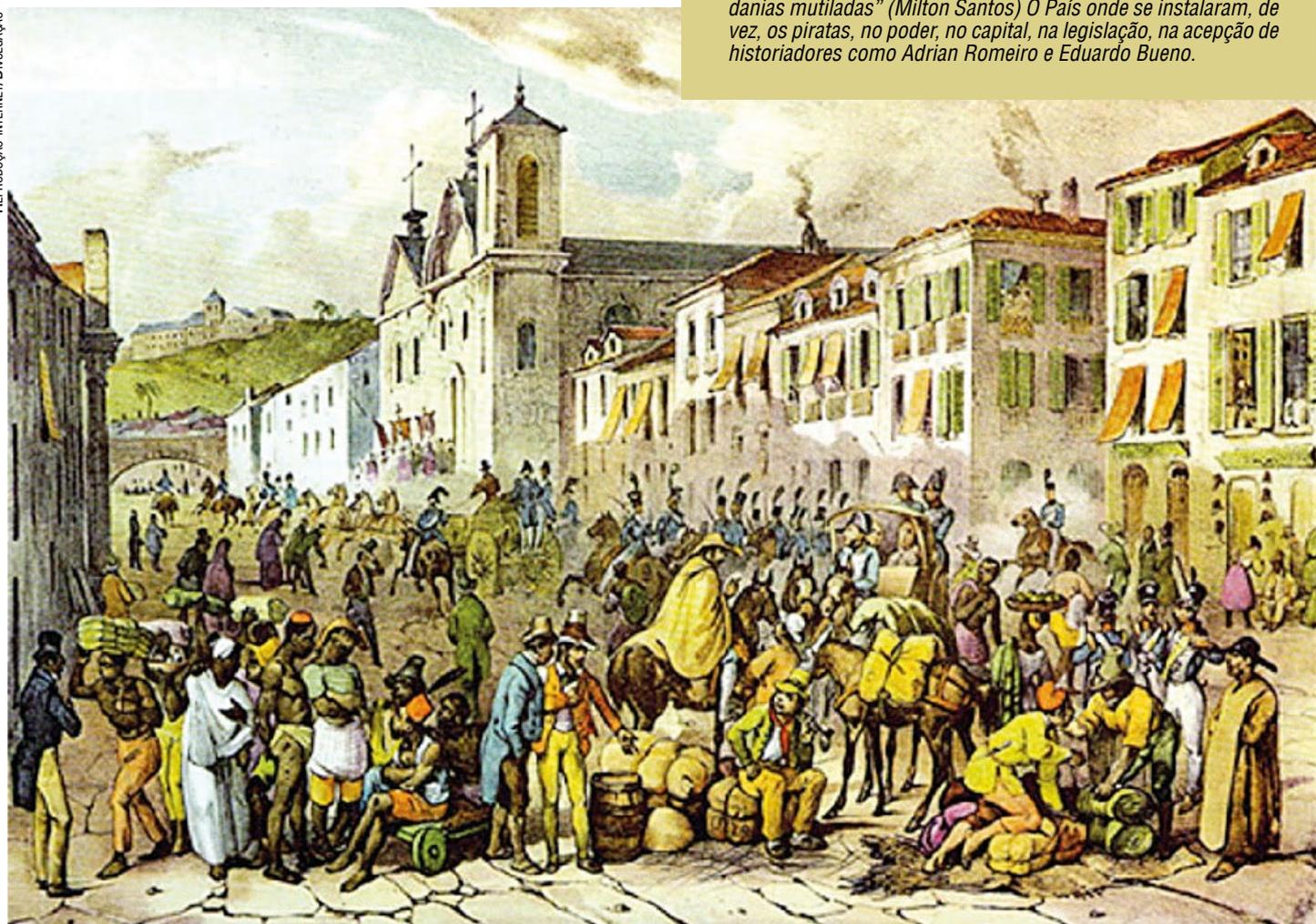
Os próprios americanos do norte nos estigmatizavam. Daniel Kidder, americano que esteve no Brasil em 1840, mais precisamente no Nordeste, também atribui “qualidades” ao brasileiro, por força do meio: “A ordem imperiosa da necessidade – trabalho ou morte – jamais perturba o repouso cotidiano do brasileiro, bocejando ao embalo da rede nas horas de sol a pino. A grande massa do povo vive ao “Deus-dará”. Suas necessidades são poucas e simples, conformando-se, em geral, à produção espontânea da natureza” (“Reminiscências de viagens e permanência no Brasil – Províncias do Norte” SP. Liv. Martins, 1972, p. 141). O cientista Martius assim se refere aos moradores mestiços do Pará que viviam à farta do “dolce farniente, cachaça e mulheres” (“Viagem pelo Brasil” 2ª ed.

SP. Ed. Melhoramentos, vol. 3, p. 19).

O aventureiro inglês Richard Burton em sua obra “Viagens aos planaltos do Brasil” (SP, Comp. Editora Nacional, 1941, pp. 37, 38, 348, 349, 350) enumera igualmente vários aspectos pejorativos de nossa cultura, bem como censuras aos seus próprios patrícios, a partir do espelhamento na exploração de ouro em Minas Gerais – ano 1868 – por companhias inglesas. “A não se contar todas as trapaças, é melhor nada dizer sobre o assunto” “Estes estrangeiros carregam todo o ouro para fora da terra, “o País dos maiores desgovernos”, mas curiosamente o autor, como bom imperialista, defende a política governamental brasileira, obviamente servil e lesiva aos nossos interesses pátrios, mas extremamente liberal para com o capital estrangeiro ou seja o inglês!..

NOTAS

(1) As teorias do inglês Henry Thomas Buckle chegaram a influenciar brasileiros renomados como Silvio Romero, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues etc. os rótulos de preguiçoso, irresponsável, indolente com que somos caracterizados por estrangeiros, endossados por alguns brasileiros, carecem passar por vários filtros. Somos frutos de uma sociedade escravocrata, onde o monopólio da riqueza esteve – e ainda está - nas mãos de minorias. O total descompromisso do Estado, seja ele colonial, imperial ou republicano, para com a educação das massas, a formação de mercado interno fortalecido. Nossa economia voltada para o mercado externo, mediante a exploração predatória por séculos de nossos recursos naturais, dentre eles commodities como madeira, minério etc. a total sobreposição dos interesses privados sobre os coletivos (o Estado a serviço das castas de privilegiados, herdeiros da nobreza colonial-imperial e do poder econômico sugador) Multidões analfabetas, escravizadas, famintas, daí ser fácil e cômodo acusar o clima, a miscigenação! “A exploração dos trópicos” no dizer de Sergio Buarque de Hollanda (“Raízes do Brasil” Ed. José Olympio, 1936, p. 20) “A extenuação de nosso povo” nas palavras de Néelson Werneck Sodré (“Ideologia do Colonialismo” RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1965, p. 92) “Cidadanias mutiladas” (Milton Santos) O País onde se instalaram, de vez, os piratas, no poder, no capital, na legislação, na acepção de historiadores como Adrian Romeiro e Eduardo Bueno.



Santiago

A cidade de **Santiago** tem um passado marcante, de origem missioneira e mesclado com influências das famílias que imigraram da **Europa**. E é também uma cidade com o olhar voltado ao futuro, que respira a modernidade e está aberta às **inovações**. Terra de gente hospitaleira, que deixa todos à vontade com suas praças, suas ruas largas, as opções gastronômicas, as atividades culturais, a variedade comercial. No **Vale do Jaguari**, Santiago desponta como um polo regional.

CIDADE COIRMÃ SANTIAGO /RS

Povinho, Povinho do Boqueirão, Santiago, nosso município faz parte do território missioneiro, tendo sido chão de Portugal e de Espanha, ao sabor dos tratados diplomáticos e das lutas que envolveram os dois países.

Com a fundação das reduções, os jesuítas, juntamente com o cultivo do trigo, do algodão e das demais plantações de subsistência, introduziram a pecuária no solo gaúcho, estabelecendo grandes estâncias de criação de gado.

Para que pudessem ser administradas, essas estâncias eram subdivididas em postos, atendidas por cerca de dez famílias, competindo aos posteiros, além dos cuidados com a agricultura, parar rodeio para costear o gado alçado, acostumando-o à presença do homem e facilitando o seu manejo.

Junto a esses postos havia sempre uma capela à devoção dos moradores. As referências coreográficas que aparecem no abundante documentário sobre os Sete Povos e as Reduções, de vida efêmera que os antecederam, constituem assim, importantes subsídios ao estudo da formação histórica do Rio Grande.

D'entre os temas mais fascinantes da toponomástica rio-grandense avulta, sem dúvida, o da palavra Santiago, cuja anciandade ninguém pode legitimamente contestar. Uma coisa é líquida e certa: Santiago não provém do substantivo Santiago nem de Sant'Iago, como insinua ou procura fazer crer o Código de Postura do governo santiaguense saído dos prelos da "Gazeta de Alegrete", em 1886 e do qual, ao que parece, só resta um exemplar, o de propriedade do colecionador Pedro Palmeiro.

São Thiago, Sam Thiago e Santiago são as únicas grafias que repontam na documentação jesuítica, inclusive no prestimoso Diário do padre Tadeu Henis, datado de 13 de maio de 1756, e na caudalosa torrente de papéis oficiais sobre o povoamento das Missões. Muito elucidativo, nesse particular, são os assentamentos paroquiais mais antigos de São Borja, a cuja

jurisdição estiveram sujeitas até 1834 e sob o nome genérico de "Distrito de São Xavier", as terras que naquela data, passaram a constituir uma comuna autônoma, sob a denominação de Santiago do Boqueirão, hoje Santiago "tout court" e outrora povinho, substitutivo que vai, pouco a pouco, desaparecendo.

Durasnal de Santiago e Capela de Santiago, por outro lado, são expressões encontradas no epistolário jesuítico do século XVIII.

A coxilha de Santiago, de maciço domínio guenoa, foi aliás no ciclo inicial do apostolado, o ponto de partida do fundador de São Nicolau quando de sua primeira entrada evangelizadora na província etnográfica do Tape.

Em 1815, o Marquês de Alegrete concedeu uma sesmaria a Francisco José de Carvalho "no lugar denominado Santiago, invernoada que foi do Povo de Santo Ângelo" (Ângelo).

O erro é manifesto. Santiago era um posto (subdivisão) da Estância de São Miguel, vasto empório de gado bovino povoado com 40.000

cabeças originárias da chamada Vacaria do Mar e que possuía, em números redondos, uma superfície aproximada de oitenta léguas quadradas, estendendo-se até a Coxilha Grande, entre as cabeceiras dos rios Taquarembó e Jaguari.

A seis quilômetros mais ou menos do campo de Ibasso ficava o posto de Santo Antônio, o Novo, assim chamado em face do estabelecimento homônimo mais antigo – o de Santo Antonio de Tarouquem – cujas cercas de pedras, cobertas de musgo pelo tempo e semi servidas, ainda podem ser vistas.

Esse reduto avançado do trabalho civilizador dos inicianos, após a batalha de Caiboaté, foi abandonado pelos seus moradores que, em fuga precipitada, se refugiaram em Santiago, mais distante do teatro de operações e em cuja tosca capela de pau-a-pique e capim foi rezado o primeiro responso solene pela alma de Sepé Tiaraju.

As formas São Thiago, Sam Thiago e Santiago anteriormente referidas mostram claramente o processo evolutivo, simultaneamente prosódico e gráfico, da tradicional designação, a que o termo Boqueirão, de origem mais recente, precedido da preposição do se agregou no decurso dos anos, por influência de curiosos fenômenos fisiográficos locais.

Ao tempo de Arsene Isabelle, nada existia, no local da atual cidade, senão "três ou quatro chácaras e estâncias à entrada de um vale arborizado, onde corria um límpido regato".

Em 1856, segundo José Hemetério Velloso da Silveira, havia apenas três casas, sendo uma do comerciante português Antonio José da Rocha. Quando da irrupção da Guerra do Paraguai, consoante outro depoimento do mesmo autor, Santiago já era uma "povoação com mais de 40 casas batidas, sendo 6 de negócio".

A origem de nossa cidade é irrefutavelmente jesuítica, e foi dado em homenagem ao Santo Católico. Os jesuítas edificaram trinta e três Reduções em nosso território, e vinte e uma Capelas, sendo que a Capela de número quinze, conforme Hemetério Velloso à página 14 de seu livro "As Missões Orientais e Seus Antigos Domínios", chamava-se "CAPELA DE SÃO THIAGO", no local do Distrito de São Xavier (chamado Durasnal de São Thiago).

Santiago, em sua marcha evolutiva, foi "Povinho" até 26 de dezembro de 1866, quando passou a ser designada "Freguesia de São Thiago do Boqueirão". "Vila" a 4 de janeiro de 1884, (data em que está comemorando atualmente seu aniversário), e, finalmente elevada à categoria de cidade em 31 de março de 1938.